PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
FACULDADE SERRA DA MESA
MESTRADO INTERINSTITUCIONAL EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

KLEBER TORRES DE MOURA

HOMOFOBIA RELIGIOSA OU A INCLUSÃO: OS DESAFIOS PARA TRADIÇÃO METODISTA NO BRASIL

URUAÇÚ
2019

KLEBER TORRES DE MOURA

HOMOFOBIA RELIGIOSA OU A INCLUSÃO: OS DESAFIOS PARA TRADIÇÃO METODISTA NO BRASIL

Trabalho de Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Clóvis Ecco.

URUAÇÚ
2019

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)
(Sistema de Bibliotecas da PUC Goiás)

M929h Moura, Kleber Torres de
Homofobia religiosa ou a inclusão : os desafios para tradição metodista no Brasil / Kleber Torres de Moura.-- 2019.
96 f.: il.

Texto em português, com resumo em inglês
Dissertação (mestrado) - Pontificia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2019
Inclui referências: f. 82-85

1. Homofobia - Aspectos religiosos. 2. Metodistas. 3. Homossexualidade na Bíblia. 4. Homossexuais. 5. Religião. I.Ecco, Clóvis. II.Pontificia Universidade Católica de Goiás - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião - 28/02/2019. III. Titulo.

CDU: Ed. 2007 -- 277.6-055.34(043)
27-447(043)

HOMOFOBIA RELIGIOSA OU A INCLUSÃO: OS DESAFIOS PARA TRADIÇÃO METODISTA NO BRASIL

Dissertação de Mestrado Interinstitucional em Ciências da Religião - Minter - da Pontifícia Universidade Católica de Goiás / Faculdade Serra da Mesa, aprovada em 28 de fevereiro de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Clóvis Ecco / PUC Goiás (Presidente)

Prof. Dr. Pedro Fernando Sahium / UEG

Prof. Dr. Valmor da Silva / PUC Goiás

Profa. Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás (Suplente)

Prof. Dr. Cristiano Santos Araujo / FANAP (Suplente)

Dedico este trabalho aos participantes desta pesquisa e aos leitores. Agradeço a Deus, primeiramente a Deus, pela oportunidade e possibilidade de realizar o mestrado.

Ao meu orientador, Clóvis Ecco, pelos encontros das reflexões.

Aos professores que colaboraram com minhas pesquisas, especialmente, Valmor da Silva, Rodrigo Gabriel Moisés, Pe. Rogério Alves Gomes; Sheila Santos Carvalho Ribeiro, Ivonete Pereira da Silva Couto, Carolina Teles Lemos, Irene Dias de Oliveira e Paulo Rogério Rodrigues Passos.

Aos participantes da pesquisa.

Aos meus familiares, em especial, minha esposa, Katiuscia Cristina de Souza e Moura, e meus filhos, Karen Julia de Souza e Moura e José Kleber de Souza e Moura.

Aos meus amigos do curso Minter em Ciências da Religião da Fasem, Uruaçu.

Aos meus leitores.

Ainda existem outras ovelhas que não estão neste aprisco;
também me convém agregar a estas, e elas ouvirão a minha voz,
e haverá um só rebanho e um Pastor (João 10:16).

RESUMO

A crescente busca pela liberdade de expressão religiosa do público LGBTIs no Brasil tem repercutido nas mudanças dogmáticas de igrejas tradicionais. Diante dessa realidade, o objeto deste estudo traz a tradição da Metodista e seu posicionamento frente à homofobia religiosa e à inclusão de pessoas que assumem a homossexualidade. A posição das metodistas ora pode ser considerada inclusiva, ora tradicional. As influências de movimentos internacionais são vistas como motivadoras do pensamento religioso inclusivo de LGBTIs. A metodologia adotada é de pesquisa quantitativa, com o total de 20 participantes das igrejas Comunidade Athos, em Brasília, e Metodista tradicional de Águas Lindas. O objetivo geral é mostrar o contexto religioso do pensamento de inclusão. Os objetivos específicos são observar o fenômeno religioso das igrejas inclusivas no Brasil, a partir de movimentos internacionais; conhecer o direito de crença pela liberdade religiosa; apresentar os desafios da Metodista tradicional, frente às interpretações bíblicas e as mudanças sociais do conceito de família, culpa e pecado, e revelar as opiniões sobre a religião e a homossexualidade. Os resultados apontam a organização religiosa tradicional e inclusiva do sujeito homossexual. A aceitação da prática homossexual é discutida como necessidade do mundo cristão como hipótese de levantamentos críticos do respeito à diversidade religiosa e combate a homofobia. O acolhimento presenciado nas igrejas inclusivas é tido como mudança necessária para alcançar os rejeitados pela homossexualidade.

Palavras-chave: Acolhimento. Desafios. Homofobia. Mudanças. Religião.

ABSTRACT

The growing search for freedom of religious expression of the LGBTI public in Brazil has had repercussions on the dogmatic changes of traditional churches. Faced with this reality, the object of this study brings the tradition of the Methodist and its positioning against religious homophobia and the inclusion of people who assume homosexuality. The position of the Methodists can now be considered inclusive or traditional. The influences of international movements are seen as motivating the inclusive religious thinking of LGBTIs. The methodology adopted is quantitative research, with a total of 20 participants from the Comunidate Athos in Brasilia and the Aguas Lindas traditional Methodist. The general objective is to show the religious contexto of the thought of inclusion. The specific objectives are to observe the religious phenomenon of the inclusive churches in Brazil, from international movements; to know the right of belief for religious freedom; to present the challenges of the traditional Methodist, facing the biblical interpretations and the social changes of the concept of family, guilt and sin, and reveal the opinions about religion and homosexuality. The results point to the traditional and inclusive religious organization of the homosexual subject. The acceptance of homosexual practice is discussed as a necessity of the Christian world as a hypothesis of critical surveys of respect for religious diversity and combat homophobia. The welcome witnessed in inclusive churches is seen as a necessary change to reach those rejected by homosexuality.

Keywords: Challenges. Changes. Homophobia. Reception. Religion.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Percepções dogmáticas do homossexualismo 35
Quadro 2: Perfil da Comunidade Athos e Metodista tradicional 64

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Perfil do quantitativo dos sexos 66
Gráfico 2: Faixa etária dos participantes 66
Gráfico 3: Nível de formação acadêmica 67
Gráfico 4: Declaração da importância da religião 68
Gráfico 5: Número dos que se sentiram excluídos nos seguimentos sociais 69
Gráfico 6: A pretensão de controle homossexual 71
Gráfico 7: Opiniões sobre o acolhimento divino 72
Gráfico 8: Abertura religiosa para o público gay 73
Gráfico 9: Noção de pecado da homossexualidade 75
Gráfico 10: Aceitação dos membros 76
Gráfico 11: Opinião sobre os valores da igreja 77

LISTA DE SIGLAS

A.C	Antes de Cristo
D.C.	Depois de Cristo
IPEG	Igreja Metodista Incluídos Pela Graça
LGBTIs	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros e Intersexuais
SPSS	*Statistical Package for the Social Sciences*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13

1 PREMISSAS HISTÓRICAS E TEOLÓGICAS DAS METODISTAS E AS ABORDAGENS RELIGIOSAS PARA A HOMOSEXUALIDADE 17

1.1 Igreja Cristã: Movimento Metodista de John Wesley 17

1.2 Mudanças da Tradição: os Movimentos e a Metodista Unida dos Estados Unidos e suas Influências no Religioso Inclusivo 20

2 RELIGIÃO E SEXUALIDADE E SUAS SIMBOLOGIAS 27

2.1 Diferentes Formas das Relações entre Sexualidade e Religião 27

2.2 Sexualidade e Interpretações sobre a Homossexualidade 31

2.3 Homossexualidade no Antigo Testamento 37

2.4 Homossexualidade no Novo Testamento..... 40

3 A TRADIÇÃO METODISTA E OS DESAFIOS FRENTE AO EVANGELHO INCLUSIVO 43

3.1 Posicionamento da Metodista no Brasil para a Inclusão *Gay* 43

3.2 A Percepção dos Gêneros nos Seguimentos Sociais e a Relação entre Graça e Culpa..... 46

4 O LIVRE DIREITO DE EXPRESSÃO RELIGIOSA 51

4.1 Inclusão Religiosa e a Visão de Preconceito e Liberdade 51

4.2 Direitos Humanos e Homossexualidade 56

5 RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO: PERFIL E PRESSUPOSTOS DOS ENTREVISTADOS 61

5.1 Sexo Biológico, Idade e Nível de Formação dos Entrevistados 65

5.2 Importância da Religião para os Participantes 68

5.3 O Sentimento de Exclusão na Orientação Sexual e a Opção de Acolhimento..... 69

5.4 Abertura das Igrejas para o Público LGBTIs e a ideia de Pecado 73
5.5 Homossexual como Membro da Igreja Tradicional 75
5.6 Valores da Igreja 76

CONSIDERAÇÕES FINAIS 79

REFERÊNCIAS 82

APÊNDICES 86

ANEXOS 91

INTRODUÇÃO

O objeto da pesquisa é a tradição da igreja Metodista e seu posicionamento frente à homofobia religiosa e à inclusão de pessoas que assumem a homossexualidade. No cumprimento de sua missão, a Metodista no Brasil revela suas origens, além de suas aproximações e seus afastamentos dos movimentos inclusivos, como o da Rede de Reconciliadores ligada à Metodista Unida americana, que se inscreve como influente em países da América Latina. O papel da religião cristã tradicional tem sido alvo de debate para a possibilidade de que haja mudança das crenças e dos dogmas não inclusivos da membresia *gay*.

O objetivo geral é mostrar o contexto religioso do pensamento de inclusão. Os objetivos específicos são observar o fenômeno religioso das igrejas inclusivas no Brasil, a partir de movimentos internacionais; conhecer o direito de crença pela liberdade religiosa; apresentar os desafios da Metodista tradicional, frente às interpretações bíblicas e as mudanças sociais do conceito de família, culpa e pecado, e revelar as opiniões sobre a religião e a homossexualidade.

A questão que se coloca é quais são os desafios das crenças e dos dogmas metodistas para não aderir a nenhuma forma de discriminação de homossexuais? A hipótese levantada percebe que os dogmas da Metodista podem ser considerados discriminatórios da homossexualidade, ao mostrar divergências com as igrejas inclusivas. A comunidade abre suas portas para receber a todos, mas caso haja frequentadores homossexuais, que não queiram deixar suas práticas, eles poderão apenas participar dos ritos, sem que possam ser membros.

Diante de gama de variedades religiosas, há credos para todas as vocações. A igreja Metodista tem mantido seus dogmas, mesmo correndo o risco de decrescer seu número de fiéis. As crenças estão pautadas nas raízes do movimento Metodista Clássico da Inglaterra. Entretanto, enfrenta os desafios de permanecer com as tradições, frente às novas gerações de leigos e clérigos, que defendem uma teologia inclusiva e contextualizada.

Por necessidade de manter e/ou aumentar seus membros, há instituições que mostram novos conceitos religiosos de movimentos inclusivos, como os feministas, homossexuais e outros. A Constituição federal de 1988, no seu art. 5, garante o direito inviolável da liberdade de consciência de crença, assegurando fenômenos religiosos, tais como se têm na atualidade. Entretanto, o que se pontua

é sobre a democracia religiosa, pois quem não for favorável aos movimentos de religiões do gaísmo pode sofrer penalidades da lei.

A importância deste estudo está em compreender os atores sociais-religiosos, evidenciando o posicionamento Metodista no Brasil, frente ao tema homossexualidade e religião, de forma a adequar dogmas para perspectivas inclusivas. Há os que buscam firmar os dogmas da igreja, outros querem mudanças das tradições metodistas, conforme o universo das igrejas inclusivas. Assim, as questões religiosas passam a estar ligadas ou não a ideologia de gênero.

A pesquisa adota a metodologia quantitativa, com amostra de sujeitos maiores de 18 anos para traçar concepções religiosas de inclusão e de ideias tradicionais. Os participantes da Comunidade Athos, em Brasília, da pastora Márcia e pastor Alexandre Feitosa, e da Metodista tradicional de Águas Lindas, do reverendo José Luiz Ataíde, permitem expor a diversidade de opiniões sobre a homossexualidade no contexto religioso e social. Servem para representar o seguimento das comunidades inclusivas no Brasil e das tradicional.

O conjunto das experiências dos sujeitos se estabelece na aplicação de questionário (apêndice A) estruturado com perguntas abertas e fechadas. O mundo cristão é apresentando nas exposições do pensamento dogmático. O grupo é composto de 20 participantes[1], membros da Comunidade Athos e da Metodista tradicional de Águas Lindas. Os sujeitos revelam suas opiniões sobre os pressupostos da religião e da homossexualidade.

Conforme Babbie (1999), o universo quantitativo (*survey*), com instrumentos de coleta de dados para posteriores análises, apresenta as respostas ao questionário, com suas menções nos gráficos, e as entrevistas pessoais, que apontam aspectos das experiências da vida religiosa, porém apenas alguns dos relatos foram transcritos nos resultados, por serem suficientes para representar as abordagens dos objetivos da pesquisa.

---

[1] Com exceção dos pastores que se pronunciaram neste estudo, os nomes dos participantes e suas comunidades não foram revelados para a preservação de suas identidades, sendo os dados coletados expostos para servirem de exemplificação das defesas de crenças tradicionais e inclusivas do movimento *gay*.

Dentre os dados do questionário aplicado, são colocados na margem de erro e nos desvios os padrões para traçar os percentuais (anexo 2). Desse modo, as análises são consistentes e a apresentam a estatística das experiências, usando o so*ftware*, conhecido por *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS). Com a digitação dos dados, é gerada uma frequência simples de cada questão. No critério inclusão, há sujeitos maiores de 18 anos, integrantes da denominação Metodista inclusiva ou da tradicional. No de exclusão, tem-se os indivíduos abaixo da faixa etária de 18 anos e não pertencentes a nenhuma das duas igrejas. Assim, os participantes da pesquisa contribuem para o fenômeno pesquisado *in loco*, mas com relações diretas e indiretas do campo religioso nacional e internacional da inclusão.

O primeiro capítulo aborda a sexualidade humana e sua relação com as expressões religiosas. As questões históricas identificam pensamentos favoráveis ou contrários ao homossexualismo dento de igrejas evangélicas. As metodistas se inscrevem nos dogmas luteranos, anglicanos, calvinistas, presbiterianos, congregacionalistas, batistas e anabatistas. Do apóstolo São Pedro a John Wesley, a dogmática cristã pautou o movimento Metodista, com suas manifestações religiosas diferenciadas, que compreendem suas mudanças culturais e históricas.

O segundo capítulo analisa o fenômeno das mudanças sociais, nas quais os adeptos do homossexualismo revelam suas regras de crença cristã e suas formas de interpretações bíblicas. Os símbolos dos movimentos de inclusão da causa *gay* mostram como são os entendimentos da vida religiosa contextualiza com sua realidade. Os novos seguimentos religiosos de inclusão oferecerem seus serviços religiosos para atender as demandas do público *gay*, fazendo relações harmônicas entre sexualidade e religião.

O terceiro capítulo aborda os posicionamentos dos movimentos tradicionais cristãos e o da Metodista inclusiva. O crescimento de igrejas inclusivas é explicado como forma de proteger a liberdade de expressão religiosa, frente ao fenômeno da questão de gênero. Enquanto há comunidades religiosas que estão fechadas para a dogmática sobre a inclusão, outras mudaram seus conceitos para reconhecer a causa de religião e homossexualidade como direitos humanos.

O quarto capítulo traz a questão da homossexualidade e do direito da livre expressão religiosa em todo território brasileiro. A liberdade de crença está fundamentada na Constituição federal de 1988, trazida para os documentos

internos de instituições cristãs, para postular a prestação de cultos, sem a interferência estatal. Os atos discriminatórios contra os movimentos inclusivos religiosos são rebatidos e tachados como prática da intolerância, sendo defendida a harmonia entre as religiões para o bom convívio social.

O último capítulo apresenta os resultados da pesquisa, que foram alcançados pelos voluntários que participaram do estudo, respondendo ao questionário e dando entrevistas. Ao apresentar as diversidades religiosas que se inscrevem ou não na temática da homossexualidade, busca-se respeitar os pensamentos significativos dos seguimentos religiosos na sociedade.

Os participantes da pesquisa ligados a Comunidade Athos de Braília e da Metodista de Águas Lindas de Goiás somam o total de 20. Eles revelam suas experiências e seus pressupostos sobre religião, inclusão e homossexualidade, mas apenas alguns dos relatos foram transcritos por representarem as abordagens gerais das questões propostas nos gráficos. A pesquisa de campo se deu com visitas e entrevistas na Comunidade Athos, em Brasília, e na Metodista tradicional de Águas Lindas de Goiás.

As visitas nessas igrejas serviram para as análises de cunho religioso, sem o objetivo de expor as pessoas, mas trazer o conjunto de compreensões do fenômeno homossexualidade e inclusão religiosa e social. A igrejas Athos e a Metodista estão abertas a todos os públicos, mas a primeira volta-se mais para o público *gay*, aceitando-os como membros.

Assim, a abordagem histórica e dogmática das religiões tradicionais e inclusivas permite compreender os movimentos de inclusão, que visam trazer ideias reformadoras dos dogmas contrários ao homossexualismo. Esse fenômeno pode ser entendido como religioso e social complexo, com precedentes históricos que influenciam as interpretações sobre o assunto.

1 PREMISSAS HISTÓRICAS E TEOLÓGICAS DAS METODISTAS E AS ABORDAGENS RELIGIOSAS PARA A HOMOSEXUALIDADE

Neste capítulo, traz-se a abordagem sobre a sexualidade humana e sua relação com as expressões religiosas. As questões históricas identificam os movimentos favoráveis ou contrários ao homossexualismo, dento de igrejas evangélicas. A Metodista com suas variedades se inscreve nos dogmas luteranos, anglicanos, calvinistas, presbiterianos, congregacionalistas, batistas e anabatistas. As manifestações religiosas compreendem a história da Metodista, com enfoque ao período de John Wesley, criador deste movimento e influenciador de diferentes contextos culturais e religiosos.

Ao longo de sua história, a religião cristã teve um papel de posicionar sobre os comportamentos sociais e culturais na sociedade. Estado e religião já estiveram ligados, ganhando força a partir do Imperador Constantino I (272-337). Já no período do Imperador Bizantino Teodócio I (347-397), o cristianismo foi considerado a religião oficial do Estado, com a promulgação de um decreto, no ano de 380. Com isso, houve a proibição de qualquer outro tipo de manifestação religiosa (HURLBUT, 2002).

Mesmo assim, outras abordagens religiosas continuaram a existir, tentando conseguir seus espaços para expandir suas crenças. Das denominações tradicionais às de cunho religioso inclusivo, percebem-se as mudanças dogmáticas de comunidades evangélicas internacionais e brasileiras. A visão interpretativa dos movimentos é de incluir a todos, sem distinção, embora enfocando as influências inclusivas que vêm abrindo campos congregacionais para o público das Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros e Intersexuais (LGBTIs)[2].

1.1 Igreja Cristã: Movimento Metodista de John Wesley

A tradição da igreja Católica romana considera São Pedro, apóstolo de Cristo, instituído como o primeiro líder da igreja cristã, embasando-se no livro de

---

[22] Essa sigla é de bastante complexidade, podendo ser mudada para agregar mais pessoas, conforme suas ideias nas questões sexuais. Hoje, já se fala em LGBTQIA+.

Mateus 16:13-18. A liderança desse discípulo de Jesus perdurou até a sua morte, que se deu aos 37 anos aproximadamente, em meados de 67 d.C. Crendo que o apóstolo Pedro era o escolhido para a consolidação da igreja cristã, os católicos usam esse versículo bíblico para justificar a história do papado:

> Indo Jesus para os lados de Cesárea de Filipe, perguntou a seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do Homem? E eles responderam: Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: Jeremias ou alguns dos profetas. Mas vós, continuou ele, quem dizes que eu sou? Respondeu Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Então Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Bar Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram, mas meu Pai, que estais nos céus. Também te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevaleceram contra ela (BÍBLIA SAGRADA, 2012).

O trecho bíblico se encontra em Mateus 16: 13-18, sendo interpretado como um forte momento histórico, no qual a igreja cristã se firmou na história. Os estudos de Hurlbut (2002) apontam que a igreja Católica reconhece Pedro como o primeiro Bispo de Roma, denominado Papa. Esse líder exerceu um papel determinante na igreja primitiva em Jerusalém, onde dirigia e anunciava o Evangelho de Cristo aos outros povos.

Sob esse fundamento, o cristianismo católico tem se mantido. De outro modo no viés de igreja fundada em Cristo, os cristãos evangélicos vêm resistindo as perseguições. A história dessa religião mostra que houve épocas de defesa, de censura e de divisão em seu seguimento.

Em 313, d.C., após o Edito de Milão, foi instituído a liberdade religiosa no Império romano. Em 324, o imperador Constantino se converteu ao cristianismo. Em 380, o imperador Teodócio considerou a religião cristã como oficial, com o Edito de Tessalônica. Essa parte histórica, do início do século 300 até meados do século 400, foi fundante para as crenças do cristianismo. Entretanto, a partir de 476, devido a discordâncias dogmáticas, houve a divisão das igrejas do Oriente e Ocidente, surgindo a Igreja Cristã Ortodoxa e a Igreja Cristã do Oriente (HURLBUT, 2002).

Outro fato mais conhecido pelos cristãos foi a reforma protestante de Martinho Lutero (1483-1546), que iniciou na Alemanha. Esse movimento apresentou um documento com 95 teses, que desencadeou no rompimento da igreja alemã com a Católica romana. Desse modo, o pensamento de ruptura com o

catolicismo se deu com Henrique VIII, Rei da Inglaterra (1491-1547). Esse fundou a Cristã Anglicana, devido as suas constantes lutas contra os ideais de Roma, sendo excomungado, embora mantendo os mesmos princípios da igreja romana (HURLBUT, 2002).

Nessa época, João Calvino (1509-1564), nunca ordenado, mas considerado ex-padre, surgiu com uma nova interpretação das escrituras sagradas, denominadas “Institutas da Religião Cristã”. Ele se afastou da igreja Católica, por influência do movimento protestante. Suas ideias e seus inscritos tiveram como objetivo criar um manual de instruções cristãs protestantes, sendo um resumo de ensinos doutrinários próprios.

O pensamento calvinista mostra-se como essencial para influenciar a criação de outras igrejas cristãs pelo mundo: John Knox (1514-1576) criou Cristã Presbiteriana, na Escócia; Robert Browne (1540-1630) foi um dos pioneiros do Movimento Cristão Congregacianista ou Congregacionismo em Londres; Georg Blaurock, em meados de 1525, em Zurique na Suíça, iniciou o movimento Cristão Anabatistas, com uma reforma mais radical que considerava apenas o termo cristãos, sem distinguir católicos e protestantes; John Smith (1570-1612), sacerdote anglicano, fundou a Batista na Inglaterra, defendeu a liberdade religiosa (WALKER, 1967).

Nesses contextos de fundações religiosas, o reverendo John Wesley (1703-1791), teólogo e sacerdote de igreja Anglicana, criou o movimento Metodista na Inglaterra, no século XVIII. O pensamento Metodista foi difundido e provocou a reforma das igrejas cristãs da Inglaterra. Pregadores itinerantes incutiram uma nova forma de pregar o Evangelho de Cristo. Prontificaram-se para ficar mais próximos da comunidade carente, trabalhando questões religiosas e sociais, como alcoolismo, desemprego, miséria, prostituição, entre outras. Desse modo, os ideais metodistas marcaram época por suas atividades realizadas nos campos social e religioso (LELIÈVRE, 1997).

Conforme Luccok (2001), o movimento Metodista chegou à Geórgia, nos Estados Unidos, em 1735. Entretanto, consolidou-se por volta de 1760, em Nova York, e espalhou-se por toda América do norte, sendo denominada Metodista Episcopal. Em 1825, a Metodista Episcopal do Sul, também conhecida por Metodista Episcopal de Pessoas de Cor ou Metodista de Negros, atendia o público

formado principalmente por escravos e negros livres. Essa igreja foi a responsável por enviar um missionário, em 1933, para estabelecer o metodismo no Brasil.

1.2 Mudanças da Tradição: os Movimentos e a Metodista Unida dos Estados Unidos e suas Influências no Religioso Inclusivo

A comunidade Metropolitana[3], considerada a primeira denominação inclusiva do mundo, começou suas atividades em 1968, na cidade de Los Angeles, Estados Unidos. Troy Perry, com 15 anos de idade, iniciou suas atividades religiosas como pregador Batista, passando pela igreja de Deus e pela igreja de Deus da Profecia no Sul da Califórnia. Ele foi desligado de sua denominação devido a sua opção sexual, causa que o fez fundar a Metropolitana.

Nessa época, a Metodista (EUA) e a Evangélica dos Irmãos Unidos se juntaram para fundar a Metodista americana, no ano de 1968, em Dallas, Texas. Nos Estados Unidos, existem vários movimentos metodistas, mas são três os de maior expressão: o da Metodista Episcopal (de brancos), o da Metodista Episcopal do Sul (de negros), e o da Metodista Unida (diversificada). Todas elas possuem a mesma tradição em comum, porém seus cânones e livros internos doutrinários são independentes.

A Metodista Unida nasceu nos Estados Unidos para atender os grupos de pessoas excluídas da sociedade: trabalhadores da classe baixa, negros, moradores de rua, imigrantes ilegais, entre outros. Buscou vínculo com o movimento de liberdade e sexualidade, na década de 1960, no qual a juventude protestava contra a Guerra do Vietnã e o conservadorismo americano. Essa denominação se alinhou a reações semelhantes de defesa dos excluídos.

O reverendo Bruce Hilton (1992) entendeu que a Metodista Unida americana desenvolveu ações para a inclusão de homossexuais. Esse movimento foi influenciador de ideais religiosos na América Latina como Brasil e Colômbia. Em 1976, nomeou para o episcopado a primeira mulher, Marjorie Matthews. Alguns

---

[3] A comunidade Metropolitana teve suas primeiras atividades no Brasil, a partir de 1991, com movimentos pouco expressivos, mas estabeleceu-se definitivamente em 2003, no Rio de Janeiro, com o apoio reverendo Neemias Merien da igreja Presbiteriana Bethesda (FEITOSA, 2016).

anos depois, ascendeu ao episcopado a pioneira mulher afro-american, Reva. Leontyne T.C. Kelly. Em 1979, ordenou o primeiro bispo africano, Rev. Abel T. Muzorewa, devido à expansão do movimento e da criação da Universidade de África em Zimbabué.

O colunista Thiago Chagas (2018) da revista eletrônica *Gospel+* afirmou que, a partir dos anos 2000, a Metodista Unida começou a desenvolver trabalhos na Colômbia, El Salvador e Vietnã. Em 15 de junho de 2016, a Metodista Unida da Califórnia-Nevada desafiou o tema da proibição da homossexualidade dentro dos livros internos de doutrina, elegendo a Reva. Karen Olivetto[4] como sua primeira bispa assumidamente homossexual.

Apesar de a Metodista Unida nos Estados Unidos não ter por escrito a autorização oficial dos relacionamentos homoafetivos e a realização de cerimônias de casamento *gay* em seus templos, tem crescido o número de pastores que defendem as formas de casais homossexuais. Para expressar essa inclusão da homossexualidade, as ações têm sido de ir contra certas regras metodistas. O reverendo Thomas W. Ogletre, com 79 anos, realizou a cerimônia de casamento de seu filho, Thomas Jr. com Nicholas W. Haddad, em outubro de 2012 (CHAGAS, 2018).

Em entrevista ao *The New York*, Thomas Ogletre afirmou que acha a lei da instituição errada. Ao tentar mudá-la e não conseguindo, achou-se no dever infringi-la, não como um ato de desobediência, mas para dar uma resposta ao que precisa ser mudado. Nesse pensamento, o reverendo Steve Heiss contrariou o clero metodista, antes mesmo da aprovação do casamento *gay* pelo parlamento de seu estado, realizando sua primeira cerimônia homossexual, em Nova York, no ano de 2002; fazendo outras, depois da aprovação legal desse tipo de ato cerimonial, em 2011 (CHAGAS, 2018).

O grupo de pastores que decidem realizar cerimoniais *gays* tem crescido bastante. Segundo Rev. Andy Oliver, diretor do ministério Rede de Reconciliadores, há mais de 1.500 reverendos que assinaram uma declaração para afirmar publicamente que estão dispostos a oficiar casamentos do mesmo sexo. Existem 569 igrejas que se propuseram a incluírem, com boas-vindas, todas as

---

[4] Karen Oliveto é pastora da Igreja Glide Memorial, San Francisco, casada com Robin Ridenour, diaconisa da Igreja Metodista Unida dos EUA.

pessoas, independentemente da orientação sexual ou identidade de gênero (CHAGAS, 2018).

A Metodista Unida é a terceira maior igreja protestante dos Estados Unidos, possui 45 mil pastores, sendo que o grupo de mais de 1.500 faz parte do chamado *New Direction* que, entre outras coisas, defende o casamento *ga*y. Entretanto, desde 1972, essa comunidade não mudou a escrita que contém a regra proibitiva do casamento homossexual. Mesmo assim, ela classifica os homossexuais como "pessoas de valor sagrado", aceitando-os em sua membresia (CHAGAS, 2013).

Para rebater a regra da igreja que não abre espaço para o casamento e a expressão *gay*, há líderes e membros que apoiam a causa homossexual, lutando contra denominações diversas. O reverendo Frank Schaefer, de Santa Barbara na Califórnia, foi deposto, após celebrar o casamento de seu filho *gay*, em 2017. Contudo, voltou a ser reintegrado e considerado apto a permanecer à frente de seu ministério. O conselho decidiu que não havia erro na aplicação da lei da igreja com as decisões judiciais (CHAGAS, 2014).

Desse modo, o movimento Metodista Unida é de resistência contra a não realização de casamento *gay*. Tem influenciado outras denominações tradicionais americanas a tomarem atitudes semelhantes de inclusão homossexual. A Metodista Unida tem sido uma religião alternativa da necessidade de acolher as pessoas assumidamente homossexuais, para a sua membresia.

As denominações metodistas têm raízes na sua história de formação, mas são autônomas e independentes entre si. A Metodista brasileira é independente da Metodista americana. No Brasil, esses ideais da Metodista americana são propagados em comunidades metodistas inclusivas dos LGBTIs. O cenário desses dogmas religiosos é vasto, sendo citados alguns: Athos, Ipeg, Cristã Nova Esperança, Acalanto, Contemporânea, entre outras.

A partir de Lucck, é possível conhecer o desenvolvimento do Metodista nos Estados Unidos até o surgimento da Metodista Unida americana. O expansionismo da Metodista Unida está mostrado nas igrejas inclusivas espalhadas pelo Brasil e por outros lugares no mundo. Já a Metodista no Brasil ou tradicional mantém o dogma de não aceitar prontamente como membro a pessoa que vive seu relacionamento homossexual, nem realizar casamento *gay*.

No Brasil, Neemias Merien foi um dos precursores do movimento inclusivo religioso, desligando-se da igreja Presbiteriana tradicional em 1984, para fundar a

Presbiteriana Bethesda, em 1985. Com o discurso essencialmente inclusivo para os LGBTIs, abriu suas portas para todos, incluindo a população *gay*, que deseja comungar a mesma fé cristã inclusiva.

A Cristã Nova Esperança de São Paulo é outra comunidade de inclusão para o público *gay*, fundada pelo pastor Justino Luiz, no ano 2000. Teve representação internacional, incentivando outros movimentos como o da Cristã Contemporânea, para a consolidação da ideia inclusiva homossexual no Brasil. Sua missão apregoa as formas de acolhimento de homoafetivos, por sentirem-se excluídos das denominações tradicionais (PEREIRA, 2013).

A Cristã Acalanto, projetada para inclusão de todas as pessoas, em São Paulo, no ano de 2004, teve como fundador Victor Orellana, oriundo da Assembleia de Deus. Ele acompanhou alguns movimentos nacionais de inclusão, mas não se sentiu acolhido na militância *gay* nas comunidades religiosas pelas quais passou. Em entrevista a revista Época, Orellana buscava um lugar onde a religião centralizasse suas ideias de espiritualidade, expressando sua opção sexual:

> Sou Pastor e sou gay [...]. O chileno Victor Ricardo Soto Orellana, de 31 anos, foi criado numa família metodista em São Paulo e ordenado pastor na Assembleia de Deus. Formado em teologia e pós-graduado em ciência e religião, já deu aula em três seminários. O que o diferencia da grande maioria dos religiosos é que ele é *gay*, e admite isso publicamente. Ainda, contesta as interpretações mais difundidas sobre o texto bíblico, que, em tese, condenam o homossexualismo. Polêmico, ele afastou-se recentemente da Assembleia para fundar sua própria igreja evangélica, a Acalanto (VIEIRA, 2003).

Nota-se que ele afirmou que a não aceitação do homossexualismo por certas igrejas se dá pelas traduções erradas da Bíblia. Ele usou a expressão latina *Alma Mater*, acreditando que sua identidade é uma dádiva divina, criando o *lócus* que recebe todos que queiram frequentar a comunidade.

Em Brasília, a Comunidade Athos, desde 2005, faz parte das possibilidades de igrejas inclusivas. Tem desenvolvido seus trabalhos de maneira a ganhar cada vez mais adeptos. Realizou o 1º Encontro Nacional do Mover Inclusivo do Brasil em 2016, preparando-se para o segundo encontro com igrejas do Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. A Comunidade Athos tem em seu foco principal a inclusão, com seus ritos e ideologias.

A comunidade Contemporânea, fundada por Marcos Gladstone, em 2006, adveio da igreja Congregacional para atender o público LGBTIs, embora contemple a todos que desejam fazer parte do grupo. Considera que o termo igreja de *gays* é por si homofônico. Afirma que não há na Bíblia a condenação direta à homossexualidade, mas sim à prostituição e promiscuidade. Com essa consideração, seus adeptos aprovam a prática homossexual, considerando semelhante ao casal tradicional. Como bacharel em Teologia, Gladstone defende as ideias da divulgação do movimento de inclusão. Ele as propaga em suas participações em programas de televisão e em seus escritos sobre o tema.

Em Goiânia, a igreja Athos e Vida, desde 2010, é mais um local de inclusão para os que se sentem rejeitados por comunidades tradicionais. Teve como inspiração a Metropolitana do reverendo Troy Perry, com enfoque para acolher jovens de raízes cristãs, que passaram por conflitos ligados à sexualidade. Ela defende suas crenças da seguinte forma:

> 1º Cremos na Bíblia Sagrada como nossa única e infalível regra de fé e conduta, por ser a palavra de Deus. Não ultrapassando além do que está escrito. 2º Tm 3:15-17. [...]
> 8º Cremos que Deus não faz acepção por cor, etnia, tipos físicos ou por orientação sexual. E não nos tira o direito de salvação por nenhum desses motivos. Sendo que a salvação foi prometida ne nova aliança por cristo pela graça e a fé, ou seja, um favor imerecido e gratuito de Deus para o homem e a nossa fé em Cristo. At 10:43, At.3:19, Rm 10:9-10.
> 9º Cremos no amor entre iguais (homoafetivos) como outro aspecto da diversidade humana. Criada pelo próprio Deus para expressar seu infinito amor por nós. Não vemos o amor entre iguais como perversão ou doença ou não seja passível de escolhas (ATHOS E VIDA, 2018).

O panorama do movimento religioso LGBTIs apresenta os dogmas da comunidade inclusiva, que exemplificam o pensamento das demais crenças do mesmo seguimento. O item nove pauta-se no amor homoafetivo, não sendo empecilho para a busca da fé cristã. As passagens bíblicas são destacadas dentro da dogmática inclusiva de aceitar a pessoa como ela é, pelo que está aberta a todos.

A igreja Cidade do Refúgio, fundada por Lanna Holder, em 2011, faz-se um movimento de 90% de membros homossexuais. A líder se descobriu lésbica na adolescência, mas foi instruída a ter um casamento heterossexual, período em que teve um filho. Foi pregadora evangélica itinerante pelo Brasil e exterior, comungando com igrejas tradicionais, mas quis mudar sua vida e resolveu assumir

sua homossexualidade, casando-se com uma mulher. Juntas fundaram essa comunidade, defendendo que a sexualidade não é uma escolha, mas parte do ser. Esse movimento já conta atualmente com mais de mil membros, espalhados por Londrina, São Paulo e Rio de Janeiro (PEREIRA, 2013).

Em Taguatinga norte, Brasília, a Igreja Metodista Incluídos Pela Graça (Ipeg) nasceu em 2015, dirigida por Marvel Souza, natural do Paraná, apresenta sua crença religiosa, que se assemelha aos dogmas da Comunidade Athos e de outras comunidades inclusivas. Marvel conta com seu companheiro, Rafael Lira, para liderar sua igreja. Eles tiveram experiências religiosas frustradas devido a orientação sexual. O evangelista Rafael buscou ajuda na igreja para libertar-se da homossexualidade, por causa de seu sentimento de culpa. O pastor Marvel possui uma história religiosa cristão desde criança, mas, ao se descobrir homossexual, passou pela não aceitação da comunidade e da família.

Ambos participaram de movimentos de igrejas inclusivas feitas por/para *gays*. Propagavam regras doutrinárias permissivas, de modo que eles não acharam interessantes para se manterem como membros. Tiveram a oportunidade de frequentar uma Metodista tradicional por seis meses, mas sentiam-se limitados por não terem participação efetiva no ministério. Resolveram abrir um trabalho novo de comunidade inclusiva para todos, fundando a Ipeg.

Em 2016, após contato com outros pastores, Marvel conheceu o trabalho chamado Rede de Reconciliadores, com fundamento na igreja Unida americana. Marvel iniciou o movimento de transição da Metodista Independente do Brasil, que é a atual Ipeg. Essa comunidade possui doutrinas, que são as resoluções chamadas Cartas Pastorais, contendo a Carta ética Cristã e Homossexualidade, as questões do casamento *gay*, os cinco entendimentos sobre dízimo e que os bissexuais são amados por Jesus.

A união homossexual dentro da Ipeg se dá, após a confissão de fé pública e a participação do curso de casais. A comunidade não é a favor da poligamia, nem aprova a prostituição. Entende o celibato como vocação e expressa sobre o amor de Deus e o perdão para quem falhar em suas convicções. Na questão litúrgica, a Ipeg não se diferencia da Metodista tradicional, exceto na questão do sacramento da eucaristia, pois não usa o termo “Santa Ceia”, mas sim “Ceia do Senhor”, por entender que a palavra santa tem sentido de separação entre o pecador, não seria apto ou digno de participar. A Ipeg acredita que respeita a diversidade humana ao

agregar como membros sujeitos de qualquer orientação sexual, este comportamento tem recebido forte aprovação da comunidade onde está inserida a Metodista Ipeg, mas recebe bastante críticas e algumas ameaças de cristãos mais conservadores.

A sociedade vem se tornando adepta de correntes de pensamentos religiosos inclusivos, para atender de um mesmo modo os diversos públicos sociais. A liberdade de expressão está presente na crença que aceita toda a sociedade no contexto de inclusão. Assim, as comunidades de inclusão fomentam sua dogmática que reconhece a sexualidade como inerente ao ser humano, vinculando-se à religião. Surgem as simbologias de acolhimento e da livre manifestação religiosa em variadas denominações metodistas.

2 RELIGIÃO E SEXUALIDADE E SUAS SIMBOLOGIAS

O modelo religioso cristão, passando pela Idade Média, que durou dos séculos V ao XV, determinava a conduta moral e ética da sociedade. Pela religião, o sujeito buscava resolver seus problemas, responder a seus dilemas e enfrentar os desafios sociais. Desse modo, mesmo depois da Revolução Francesa e parte da Idade Moderna, a força dogmática cristã continuou influenciando normas de éticas, difundidas como certos padrões sociais e aceitas pela maioria sem discussão.

As evoluções econômico-sociais, após a Revolução Industrial, no século XIX, provocaram transformações de pensamento que implicaram a forma de explanação de crenças cristãs no mundo ocidental. O salto dessa historicidade e mudança dogmática aponta para o contexto brasileiro, na década de 1970. Nesse período, a juventude se manifestava com mais veemência a favor de mais liberdade de expressão para grupos como LGBTIs.

Adeptos do homossexualismo criaram suas regras de vida e seus conceitos de crenças, sendo diferentes das consideradas religiões cristãs tradicionais. Fundaram seus movimentos por entenderem que deveriam buscar um novo tipo de acepção religiosa, contextualizado com sua realidade. Os novos seguimentos religiosos ofereceram seus serviços religiosos para atender as demandas do público *gay,* configurando outro contexto do que se percebe na igreja cristã tradicional. Adentra-se assim no fenômeno das mudanças sociais, nas quais os favoráveis ao homossexualismo revelam suas regras de crença e suas formas de interpretações bíblicas.

2.1 Diferentes Formas das Relações entre Sexualidade e Religião

Na atualidade, a religião e a sexualidade entraram nas discussões de regras comportamentais passiveis de mudanças, conforme entendem os defensores da livre expressão sexual. A relação entre essas duas coisas é histórica, já que, de acordo com Luna (2014), na Grécia antiga, as crenças mitológicas/religiosas implicavam os costumes da sexualidade. Zeus e outros deuses se tornaram símbolos da sexualidade grega. Nos rituais, os gregos cultuavam a fertilidade e a

liberalidade excessiva das vontades sexuais, sendo vistos como os mais liberais no que tange ao sexo como algo natural, realizado em forma de culto. Não cabia nenhum tipo de pudor, misturando o sagrado e o profano na sexualidade.

Segundo Veyne (1985) a relação aceita pela lei de Atenas, capital da Grécia, era que houvesse a relação entre o servo/aprendiz - conhecido por *eromenos* - e o mestre - homem mais velho chamado *erastes*. A prática era a pederastia, cuja ideologia ditava o amor a meninos como forma de transmissão de conhecimento do *erastes* para o *eromeno*s. Nesse relacionamento de ensino pelo ato sexual, acreditava-se na contribuição educacional que daria ao jovem ascendência intelectual, cultural e econômica:

> O horror sagrado pelo pederasta não existia: a homofilia ativa está presente nos textos gregos, bem como nos romanos. Catulo gaba-se de suas proezas e Cícero cantou os beijos que colhia dos lábios de seu escravo-secretário. De acordo com seus gostos, cada qual optava pelas mulheres, pelos rapazes ou por umas e outros. Virgílio, gostava exclusivamente de rapazes, o imperador Claudio, de mulheres; Horácio repete que adora ambos os sexos (VEYNE, 1985, p. 41).

O ato de relacionar sexualmente envolvia rituais e ensinamentos. O mestre fazia as exigências do seu aprendiz, mas de forma pacífica, cuja alegação era de que não fazia nada de mal contra o aluno. Os gostos dos mestres variavam: uns mantinham relações com mulheres, outros com homens ou com ambos os sexos.

Na Roma antiga, a questão da sexualidade era dinâmica em suas realidades múltiplas e heterogêneas. Havia a aceitação de diversos perfis de sexualidade masculinos e femininos, mas mantendo a ideia de supremacia do poder do homem sobre a mulher. Nesse contexto, mulheres e homens buscavam sua satisfação sexual ligadas à diversidade de comportamentos e orientações. Tal diversidade implicava os significados da religião e da sexualidade, que advinham da composição do povo emaranhado de latinos, gálatas, egípcios, béticos, germanos, gregos, entre outros.

No pensamento judaico, admitia-se a conduta sexual como ligada diretamente ao cumprimento de normas e costumes da lei Halachá. Via a prática sexual da Roma antiga como uma conotação nociva, sendo incitações à pornografia. Mandamentos, tradição religiosa, vida sexual e costumes, ligados à pureza na lei, faziam parte das condutas dos judeus.

Apesar de os povos terem credos diferenciados de sua religião e suas influências na sexualidade, havia certos sincretismos fundamentados em dogmas e tradições locais e temporais. As diferentes expressões religiosas pelo mundo são também formas de tratar a sexualidade. Os contextos regionais e geográficos mostram que a sexualidade e a religião comungavam com as culturas, determinando a organização político-social de cada povo.

A diversidade religiosa no mundo com suas implicações a sexualidade desenvolveu a complexidade da análise de gênero na sociedade antiga e atual. O papel do homem estabelece sua postura de protetor e possuidor, ligados diretamente à virilidade. As relações entre homens e mulheres poderiam incluir compatibilidades de práticas eróticas homossexuais.

O órgão genital masculino o colocava em destaque pela ação sexual com um membro diferenciado da mulher. É órgão que o destacava pela capacidade de se defender dos perigos e das ameaças. Entretanto, para Veyne (2008), a dominação sexual não era exclusividade masculina, já que os casais compartilhavam juntos das casas de banho e massagem, onde se expunham a sexualidade de forma natural. Desse modo, o sentimento de dominação da mulher sobre o homem e vice-versa podiam ser compartilhados. As expressões sexuais complexas são vistas nos atos significativos do prazer, porém

> Será um erro olhar a Antiguidade como a paraíso da não repressão e imaginar que nela não havia princípios; simplesmente, seus princípios nos pareceriam surpreendentes, o que devia levar a supor que nossas mais fortes convicções não valem grande coisa (VEYNE, 2008, p. 237).

A relação social conjugava as situações sexuais, mas havia princípios, mesmo que parecessem sem dotação de nenhuma regra. A posição social e política do indivíduo agregava seus comportamentos sexuais. Homens e mulheres representavam sua virilidade dominadora no ativo sexual e social. Nesse caso, o servo que exercia o papel passivo no ato sexual não necessariamente era classificado como homossexual, nem tampouco o seu dominador, pois a atividade sexual estava diretamente definida, legitimada e padronizada pela cultura do povo. Nesse aspecto, as questões de gênero e sexualidade são concepções ligadas a conceitos de valor, em cada grupo da sociedade.

A expressão da sexualidade dá a ideia do que é ou não permitido. Nesse entendimento, o homem busca se afastar das tentações do corpo/sexo para se conter dentro dos princípios básicos de sua fé, com as regras do casamento. Nessa percepção, desde a queda de Adão e Eva, a sexualidade passou a ser uma indicação da perda da situação de inocência. Ao pecarem, descobriram que estavam nus, e a sexualidade tornou-se evidente, necessitando ser coberta para não ser vista pelas partes intimas do corpo (BROW, 1990).

As religiões tomam esse norteamento de sexualidade para balizar crenças, formando a cultural religiosa. Contudo, não está engessado qualquer conceito, pois há diferentes percepções das simbologias da religião e da sexualidade. As restrições do que se pode ou não fazer são expressadas de formas diferentes nas interpretações religiosas.

A cultura da sexualidade, geralmente, apresenta o cunho religioso para o desenvolvimento social. A prática sexual serve para ligar ou desligar o indivíduo do mundo religioso ou material. A ideia é de levar o homem ao prazer e/ou a procriação, dando-lhe a libertação e satisfação. Há também o pensamento da sexualidade como questão de saúde. Constituir família é representação social, passível de vontade, sendo o sexo flexível para os interesses e seus sentidos individuais e coletivos. Em todos esses fatores, aparecem os discursos favoráveis ou não do machismo, permitindo ou não a opinião feminina (ELIADE, 2002).

Nas diferentes formas de observar o fenômeno sobre sexualidade e religião, na cidade de Pompéia, na Itália, que foi destruída pelo vulcão Vesúvio em 79 d.C., foram encontrados gráficos e pinturas, tratando da sexualidade, de forma natural e sem inibição. A referência ao deus Facsinus está vinculada ao órgão genital masculino, com simbologias da fertilidade nos atos religiosos (LUNA, 2014).

O sentido de praticar o ato sexual para a simbologia cristã adentra nas crenças do que é natural e divino. Enquanto os fundamentos da mitologia grega expressam a união carnal entre deuses e humanos, restando ser indissociáveis a religião e a sexualidade, o cristianismo atesta a história do nascimento de Jesus, como ser divino, que não foi gerado pelas vias naturais do sexo, mas de obra do poder de Deus. Depois de Jesus - sem as marcas da conjunção carnal, Eva teve seus filhos com Adão pelos atos sexuais, fazendo uma ruptura entre o sagrado e o natural (LOPES, 2018).

Os fatos históricos de Eva e seus filhos, as simbologias do sexo geram manifestações complexas de como perceber a religião e a sexualidade, na percepção cristã. O Império romano chegou a se manifestar sobre o assunto, afirmando que a sexualidade passou a ser pecado, pois a copulação deveria servir só para dar à luz. A virgindade e a monogamia foram vistas como símbolos de virtude. Fugir dos padrões de relação conjugal entre mulher e homem era considerado pecado, portanto, um perigo para sociedade, podendo ser penalizado com a morte. A passagem de Gênesis estava incutida nos conceitos de macho e fêmea, com um propósito de acasalar para a procriação (AGOSTINHO, 2000).

No assunto de sexualidade, Santo Agostinho (2000) formou linhas de pensamento dentro da concepção cristã, baseando-se na queda do homem. A natureza da sexualidade e seus males é justificada por motivações de culpa e compensação, em que a visão do assunto pode ser positiva e negativa. A sexualidade cabe ser justificada dentro do matrimônio, cuja finalidade principal é gerar filhos. Fora do âmbito conjugal ou sem intenção de gerar filhos é uma prática pecaminosa. Pensando assim, nessa época antiga, a homossexualidade seria algo mais gravoso ainda, não sendo aceitável nos moldes religioso e social.

2.2 Sexualidade e Interpretações sobre a Homossexualidade

As interpretações teóricas e dogmáticas das religiosas tendem a ser carregadas de juízos de valores, que são percepções individuais, ideológicas, em um contexto cultural. Podem ocorrer os entendimentos com defesa, tolerância ou intolerância religiosa. Os padrões de crenças vinculam-se às regras sociais e as escolhas sexuais, como acontece aos que buscam participar de algum seguimento religioso cristão.

Ecco (2013) afirma que o entendimento do poder normativo da religião, no caso do cristianismo, é juízo dos prazeres corporais. O comportamento social fica submetido ao ideal da religião, sendo colocado a prova quem está de acordo ou desacordo com o cristianismo. Há a proibição de comportamentos sexuais fora dos padrões tradicionais, o que coloca o sujeito frente ao preconceito ou à homofobia.

As teorias das concepções sexuais e religiosas diferenciam sujeitos e os dogmas nos quais acreditam. Para Cardoso (2010), crença proibitiva da

homossexualidade está diretamente ligada à ideia de estar dentro ou fora da vontade divina. O cristão deve observar as regras bíblicas para agradar a Deus, entretanto, as interpretações acabam sendo a essência doutrinária de cada seguimento religioso.

As comunidades inclusivas declaram fazer boas obras de resgate de pessoas sofrendo a rejeição familiar e social, devido a sua opção sexual. São instituições que seguem dogmas com algumas diferenças das igrejas tradicionais. Elas discutem a noção de promiscuidade e prostituição como algo não vinculado à homossexualidade, seguindo interpretações teológicos próprias.

A motivação das comunidades inclusivas se baseia na ideia de que o texto sagrado não aborda claramente a questão da homossexualidade, cabendo interpretações inclusivas. Mesmo a passagem Gênesis tratando do primeiro casal - homem e mulher, a referência da primeira família é apenas exemplificativa, já que não havia formas diferentes de famílias, o que viria acontecer anos mais tarde. A bigamia cabe a essa discussão, pois foi uma prática considerada normal pela sociedade, embora reprimida por igrejas tradicionais do Ocidente (SANTOS, 2015).

Desse modo, o relato da criação não se trata de uma única forma de concepção de família e de relacionamento. Também, interpreta-se que a narrativa da história de Sodoma encontrada em Gênesis, capítulos 18 a 20, não se trata de homossexualidade. O texto bíblico não apresenta a afirmação de que a cidade foi destruída por práticas homossexuais, mas certas igrejas defendem essa tese (SANTOS, 2015).

O problema todo está na interpretação do verbo em hebraico *yada,* “saber”, encontrado 943 vezes no antigo Testamento, porém utilizado apenas 10 vezes para questões relacionadas à prática sexual. Antes da destruição de Sodoma, dois anjos, em forma de homens, foram à casa de Ló. Vendo-os, os moradores de Sodoma exigiram que Ló lhes dessem para ser conhecido por eles[5]. Esse termo consta em outra versão que é “ter relação sexual com eles”[6].

Com essas traduções, funda-se o repúdio religioso contra a homossexualidade. Entretanto, duas correntes interpretativas afirmam que a) os

---

[5] “Conhecer” é termo encontrado em Genesis 19:5, nas versões bíblicas ACRF; ARIB, SBB e Ave Maria.
[6] “Ter relações sexuais com eles”: Genesis 19:5, tradução encontrada na versão bíblica NVI.

homens de Sodoma queriam realmente saber/conhecer aqueles homens, mas apenas para saberem se eram espiões, temendo o que lhes poderia acontecer; b) os homens de Sodoma buscaram fazer a prática de antigos povos pagãos: estuprando a homens para lhes exporem a humilhação e degradação de sua imagem, colocando-lhes como sujeitos inferiores. Dessa forma, eles iriam impor sua dominação e autoridade sobre os outros, fato que não tem relação com a prática homossexual (SANTOS, 2015).

A questão interpretativa pode estar condicionada à crença a favor ou contra à prática homossexual. Na carta do Apóstolo Paulo aos Romanos e aos 1º Coríntios, as palavras *malakoi* e *arsenokoitai* são colocadas em discussões, para explicar que as epístolas não afirmam estar contra a prática homossexual:

> *Malakoi ou Malakos*: Afeminado, significa: homossexuais ativos, equivalente a homens e meninos que se permitem serem usados sexualmente, conotando também passividade e submissão. Afeminados e dentro desse termo existem os sub-termos como:2ª1) “de um catamito”, 2ª2) “de um rapaz que mantém relação homossexuais com um homem”, 2ª3) “de um homem que se submete o seu corpo a lascívia não natural”, 2ª4) “de um homem que se prostitui (Strong,2002).
> *Arsenokoita ou sodomitas*: Impuros, raptores de homens, mentirosos, perjuros e para todos que se opõe a sã doutrina. Não há uma definição correta deste termo pois raramente aparece nas literaturas gregas secular na época do Apostolo Paulo, porém, existem os que fazem uma relação entre *arsenokoitai* (arseno=homen; kaoitai=cama) e o uso da expressão no grego *arsenos e koimetese*, que aparece na versão grega do escrito no livro de Levítico (DICIONÁRIO BÍBLICO STRONG, 2002).

A carta paulina aos 1º Coríntios 6:9-10 usa os termos *malakoi e* Arsenokoita, direcionando fundamentos para as igrejas tradicionais: “Não sabeis que os injustos não hão de herdar o reino de Deus? Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas” (BÍBLIA SAGRADA, 2012).

John MacArthur acredita que a palavra está associada à promiscuidade, levando em consideração a vida moral que a sociedade de Corinto vivenciava naquela época. As relações sexuais imorais e a prostituição faziam parte de cultos religiosos. Porém, historicamente o termo associa-se à homossexualidade. Daí, a geração de preconceitos, já que São João Crisóstomo argumentava que os atos homossexuais eram piores do que um crime de assassinato por ser muito degradante. Pessoas acusadas dessa prática eram condenadas à morte (PEREIRA, 2013).

Os termos *Malakoi e Arsenokoita,* em alguns momentos do grego clássico, foram usados para se referir a meninos ou a jovens que sofreram abusos sexuais, sendo forçados por seus senhores a ser efeminados. Aristodemo de Cumas foi afeminado quando criança, ao ter sofrido abuso sexual, descrito por Dionísio de Halicarnaso nos antigos escritos Romanos a.C. (PEREIRA, 2013).

Pela história dos que sofreram abusos sexuais em sua infância, as afirmações de cunho homofóbico não cabem para classificar a homossexualidade fruto de prevaricação, prostituição e entrega ao pecado. A condenação observada por igrejas cristãs tradicionais não observa a possibilidade interpretativa de cenário da vida e da época dos fatos.

Pensando nisso, as igrejas inclusivas se fazem acolhedoras de homossexuais, por compreenderem ser pessoas que devem ser respeitadas por sua história, havendo casos de abusos. Sofreram experiências duras na vida, necessitando de que seus dilemas sejam ouvidos. Os movimentos de inclusão expressam ser defensores do respeito e do direito de expressar a religião com ruptura dos padrões sociais.

Ao buscar a legitimação dos pensamentos favoráveis ou contrários à homossexualidade, as interpretações bíblicas repousam sobre dogmas que explicam certos conceitos de variedades de família e orientações sexuais. Cada grupo ou indivíduo fundamenta suas teses para a religião e os comportamentos sexuais, sociais e religioso, havendo diferentes opiniões e gostos.

De acordo com Pereira (2013), no Brasil, mais de 90% das pessoas fazem parte de alguma religião. A história cultural do País está arraigada ao catolicismo romano, mas há expressivas correntes religiosas afrodescendentes e evangélicas, entre outras. A herança da formação do povo traz supostos motivos de tantos brasileiros pertenceram ao credo escolhido.

Cardoso (2010) atesta que as várias expressões religiosas no Brasil são entendimentos que definem as regras da aceitação ou da desaprovação do modo de observar o fenômeno da homossexualidade. As instituições religiosas vêm mudando suas dogmáticas de fé para receber seus membros. De um lado, há credos religiosos que se enquadram na concepção de ser inclusivos. De outro lado, há credos que defendem sua tradição de casamento unicamente heterossexual. Cada credo toma sua posição a respeito da ideologia *gay* no campo

social e religioso, segundo seus dogmas e crenças doutrinárias, como se pode observar no quadro 1.

Quadro 1: Percepções dogmáticas do homossexualismo

Credo religioso	**Aceita o homossexualismo: inclusão**	**Na aceita o homossexualismo**
Cristianismo pentecostal tradicional, exemplo: Assembleia de Deus		A visão da Assembleia de Deus, em geral, sobre a homossexualidade afirma ser um erro essa orientação sexual, sendo abominação a Deus. Creem que só é permitida a relação conjugal entre homem e mulher. Tudo que passar disso é de procedência maligna e um problema psíquico, que devem ser resolvidos com a fé e a ajuda de outros meios.
Metodista tradicional, exemplo: Metodista em Águas Lindas de Goiás	Entretanto, a Metodista tradicional apresenta dois grupos dentro da mesma igreja. De um lado, a grande parte da igreja busca manter a tradição cristã e segue seus padrões, sem grandes margens para mudanças sobre as questões dos LGBTIs, apesar de ser uma aberta ao diálogos e discursões mais profundas sobre o tema. De outro lado, o grupo menor deseja que a igreja mude sua posição para a inclusão, manifestando a necessidade de haver essa mudança, frente ao número de adeptos que admitem os dogmas metodistas de inclusão. Mesmo não encontrando respaldo nas regras da igreja, alguns líderes religiosos entendem como errada a posição contrária à homossexualidade e reconhecem a necessidade de rever alguns conceitos sobre o relacionamento homoafetivo. Eles acreditam que não estão contrariando suas convicções de fé cristã.	Há documentos da Metodista tradicional que pontuam não aceitar o casamento *gay*, afirmando ser um erro.
Comunidade inclusiva, exemplo: Athos em Brasília	As igrejas inclusivas são acolhedoras da ideologia *gay*, por compreenderem que homossexuais devem ser respeitados por sua história de vida e por sua expressarem sua fé cristã. A Bíblia é passível de novas interpretações, pois defendem que não há na Bíblia a condenação à homossexualidade, mas sim à prostituição e à promiscuidade.	
Budismo	Budismo não condena o homossexualismo, pois todos são dignos de respeito. A união homossexual é livre, não cabendo críticas. Cada um pode ter a sua própria consciência, porém deve agir com sabedoria e assumir as consequências.	
	Hare Krishnas percebe a homossexualidade como o “karma” da pessoa, que se apegou ao	

Hare Krishnas	seu gênero masculino ou feminino de vidas passadas, sendo revelado na atualidade.	
Espiritismo	Espiritismo defende que os espíritos devem sempre respeitar o comportamento de uma pessoa e procurar entender as atitudes, mesmo que não consideradas normal. Não existe pecado, mas sim causa e efeito. Consideram a homossexualidade um distúrbio do comportamento sexual intrínseco ao passado, que gerou o desequilíbrio emocional. As influências diretas de vidas passadas causam as condições atuais.	
Sheicho-No-Ie	Sheicho-No-Ie entende a homossexualidade como uma manifestação anômala da sexualidade, quando o indivíduo não se identifica com seu físico. Não se posiciona contra a prática homossexual, mas induz que a pessoa busque a ter perfeita relação do seu interior com o sexo que nasceram.	
Umbanda e Candomblé	Umbanda e Candomblé não fazem juízos contrários à ideologia *gay*, por ser vista como opção individual. Defendem que não competem às religiões tomarem nenhuma posição de condenação da prática homossexual, já que cada indivíduo é responsável por suas escolhas e seus atos.	

Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

O quadro 1 mostra os seguimentos religiosos, que aprovam ou desaprovam a prática homossexual na sociedade. Dentre os credos analisados, o ensinamento tradicional cristão é o único que não comunga com as ideias das comunidades de inclusão homossexual. Aqui, o enfoque está na crença Metodista tradicional, vista como algo necessário de mudança para atender as relações homoafetivas, pois todos os membros possuem direitos iguais, como se verá no último capítulo deste estudo. Os grupos devem ser ouvidos de igual forma, de modo a não fechar oportunidades para avaliar os cabimentos interpretativos da Bíblia sobre a homossexualidade.

Conforme Pereira (2013), o reverendo Metodista Ricardo Gondim manifestou a sua aprovação do casamento homossexual, vendo como fato que não contraria as suas convicções religiosas. Busca observar que as religiões não podem suprimir o direito das pessoas. As lideranças religiosas que reconhecem o direito do casamento *gay* estão atentas as descobertas de estudos científicos sobre essa questão. Apesar de não buscarem na ciência o critério decisivo para as

ideias de inclusão homossexual ou as questões ligadas à sexualidade, defendem que elas podem ser harmonizadas com os dogmas cristãos.

Não somente o meio cristão, mas outros credos e movimentos demonstram a vontade de acolher pessoas de orientação homossexual como filhos de Deus e membros de suas comunidades, sendo que uma parte considerável as de caráter pentecostal e neopentecostal. A maioria das religiões não descrimina a ideologia *gay*, ocorrendo alguns posicionamentos individuais ou de pequenos grupos, que têm ganhado públicos que os ajudam na defesa da prática homossexual (CARDOSO, 2010). No uso das diferentes traduções e interpretações bíblicas, as diferentes crenças explicam a homossexualidade.

2.3 Homossexualidade no Antigo Testamento

A passagem bíblica da criação divina aponta homem e mulher como referência para casal, devendo se multiplicar sobre a terra. No livro de Gênesis 1:28, encontra-se a ordenação de Deus ao casal: “Sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra” (BÍBLIA SAGRADA, 2012). Pelo fato da procriação, muitos indivíduos e credos rebatem a defesa de que haja a natureza homossexual, pois se assim o for, não promoveria a fecundação para a perpetuação da espécie, sendo cada pessoa um fim em si mesma.

Também não se pensa que seja possível a ruptura histórica da família tradicional, prevista em Gênesis 2:24: “Por este motivo é que o homem deixa a guarda de seu pai e mãe, para se unir à sua mulher, e eles se tornam uma só carne” (BRASIL, 2012). Desse modo, não há espaço para a prática sexual homossexual, pois deformaria a natureza da ordenança divina. Entretanto, a procriação pode se dar pela doação de genes (óvulos e espermas) entre casais homossexuais de gêneros diferentes. Situação na qual uns geram filhos para os outros, pela barriga de aluguel.

Ankerberg e Waldon (1997) atestam que buscar respostas para o fato contra a homossexualidade considera os textos que a rejeitam. Porém, os mesmos textos bíblicos são usados para questionar o pensamento contrário à causa *gay*. Destacam que há falhas na interpretação hermenêutica, que pode ser mais contextualizada, buscando os ensinamentos inclusivos da conduta sexual.

De um lado, a criação de homem e mulher para uma finalidade de procriação não permite a natureza impessoal da homossexualidade, de modo que cada um pode fazer o que quiser. Os tradicionais defendem que Deus formou um estilo de vida no qual o homem e a mulher deveriam se encaixar. A afirmação era de não ser bom que o homem vivesse só no paraíso, sendo a finalidade da mulher para suprir a necessidade natural do homem. Essa história implica a contrariedade da prática homossexual frente às intenções divinas, pois não se vincula a esses padrões bíblicos (ANKERBERG; WELDON, 1997).

De outro lado, dentro do estudo exegético, cabe a ideia de que é passível de desacordo a única proposta do ato sexual para procriação, pelo atual contexto social. Cogita-se que estão sendo cometido os mesmos erros dos fariseus, que exigiam o cumprimento das leis que eles mesmos não cumpriam. Existe a necessidade de cautelas para que o discurso cristão não seja de hipocrisia, mas sim de verdadeira vivência (ANKERBERG; WELDON, 1997).

Para a ideia tradicional, em Levítico 18:22, está escrito: “Não te deitarás com um homem como se deita com uma mulher. É uma abominação”. No mesmo livro, capítulo 20, versículo 13, consta que “O homem que se deitar com outro homem como se fosse uma mulher, ambos cometerem uma abominação, deverão morrer, e o seu sangue cairá sobre eles”. Para a defesa homossexual, Ankerberg e Waldon (1997) fazem uma crítica dessas passagens sobre a condenação da homossexualidade, cabendo a interpretação no sentido de condenar a prostituição cultural masculina ou o ritual da ideologia cananeia:

> O argumento é que, desde que as práticas idólatras canaanitas, que o livro de Levítico condena, cessaram há milhares de anos atrás, elas não podem ser aplicadas aos relacionamentos homossexuais amorosos e comprometidos nos dias atuais (ANKERBERG; WELDON, 1997, p. 87).

Nota-se que as colocações hermenêuticas são trazidas para discussão, desafiando os contrários à aceitação da homossexualidade. Visa-se conseguir descrever sentidos, conforme a realidade atual dos novos conceitos de família. Muitas partes dos antigos textos sagrados foram traduzidas literalmente do hebraico, com isso a contextualização se restringe a uma base cultural judaica, dificultando a sua aplicação contextualizada na sociedade ocidental.

Em Deuteronômio 23:17, tem-se a proibição de atos de prostituição: “Não haverá prostituta sagrada entre as filhas de Israel, nem prostituto sagrado entre os filhos de Israel” (BÍBLIA, 2012). O problema colocado pela Bíblia refere-se à prostituição cultural do povo israelita.

As referências bíblicas são usadas para fomentar diferentes interpretações. Por uma via de pensamento, busca-se introduzir outras interpretações dos contextos bíblicos para a homossexualidade. Por outra via, as discussões em defesa da homossexualidade são rebatidas pelos considerados tradicionais. Os não inclusivos abordam que o texto é claro, ao condenar a prática homossexual, tratando da pertinência de tradução literal do hebraico para outros idiomas.

Em juízes 19:17-25, consta outra passagem no Antigo Testamento que considera abominação as práticas homossexuais. Trata-se da história do levita que passou a noite em Gibeá, cerca de 1300 anos a.C. Ele viajava acompanhado de sua mulher, quando teve que passar a noite nas terras de Benjamim. Ele e a esposa iriam dormir na praça, mas um homem com hospitalidade levou-os para sua casa. Após hospedarem-se, alguns homens da cidade, sabendo da presença dos visitantes, cercaram a casa para “conhecer” o levita. Porém o dono da casa rogou-lhes que não fizessem mal contra seu hóspede. Acabou que a esposa do viajante foi entregue a eles, que lhe abusaram até a morte. Pela manhã, o levita esquartejou a mulher, enviando suas partes ao povo de Israel.

Severo (1998), atesta que o trágico de Gibeá serve de alerta para a comunidade cristã de tempos atuais, pois todos são suscetíveis de práticas sexuais erradas. Esse fato gera análises bíblicas sobre a homossexualidade, pois aqueles homens queriam abusar do viajante. O verbo “conhecer” é usado para expor a pessoa ao máximo. O levita, mesmo não sentindo o abuso diretamente em seu corpo, sentiu a tragédia moral sua e de sua esposa.

Outra interpretação, trazida por Gottwald (1996), afirma que o problema de Gibeá se originou pela falta de hospitalidade. A violência contra a mulher do levita surgiu da rejeição da fraternidade, que deveria ser oferecida ao visitante. A morte da mulher foi representa os motivos de guerra, e não está ligada ao pecado nem tão pouco ao castigo divino. Um homem circulando em terras alheias pode ser visto com estranheza pelos moradores locais, que querem tomar satisfação em defesa de suas posses férteis. A morte da mulher era um sinal de aviso para que esse homem não voltasse a Gibeá. Já o esquartejamento feito pelo levita faz parte

de um ritual de guerra, para mexer com a moral do povo que recebeu as partes do corpo de sua esposa.

As vertentes interpretativas trazem à tona questionamentos sobre a manipulação e a releitura dos textos bíblicos, com a intenção de adequá-los à nova realidade mundial. O antigo Testamento aborda assuntos que recaem na ótica tradicional ou contextualizada para tratar da homossexualidade. O comportamento social e religioso era colocado em discussão para ser ou não considerado aceitável diante de Deus. Dessa forma, é possível que haja uma argumentação doutrinária a favor ou contra a homossexualidade, sendo considera manipuladora a ideia tradicional. Nessa análise, o novo Testamento também passa por hermenêuticas para as considerações da homossexualidade, devido a inquietações da sociedade atual.

2.4 Homossexualidade no Novo Testamento

A homossexualidade é um tema gerador de discussões, que trazem à tona sua origem como fenômeno social. Pergunta-se se a homossexualidade envolve apenas a questão natural ou espiritual, se é ato pecaminoso pela opção ou inocente da natureza humana.

Para as respostas, há os defensores da interpretação da carta aos Romanos 1:27, que diz ser o homem levado a grande desobediência a Deus, invertendo o seu uso natural, sentido no corpo o resultado do pecado. Fundando-se nessa epístola, tem-se que a prática homossexual é abominação:

> Por isso Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário a natureza. E, semelhante, também os homens, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, homens com homens, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro (BÍBLIA SAGRADA, 2012).

São referenciais doutrinários, que podem gerar traduções divergentes, ora carregas de preconceitos e homofobias. As versões NVI e Almeida, atualizada e corrigida, atribuem as traduções homossexuais, efeminados e sodomitas, mas podendo ser traduzidas por pederastas, masturbados ou estupradores. Com essas,

os sentidos homossexuais geram preconceito, conforme o tradutor (ANKERBERG; WELDON, 1997).

A afirmação que carrega a crença cristã tradicional é reformulada por traduções com propósitos contextualizados para o ocidente na atualidade. Os que defendem a homossexualidade como prática não pecaminosa apontam que, nessa passagem, o ensinamento do apóstolo Paulo diz respeito à desobediência e ao egoísmo humano, não se tratando do homossexual.

A carta de Paulo aos Romanos, capítulo 1, é usada como principal texto sobre a homossexualidade. Surgem argumentos de que Paulo não estava repreendendo a homossexualidade, mas apenas os homens e as mulheres, que abandonaram o comportamento sexual que lhes é natural, não sendo condenados aqueles que são naturalmente homossexuais, ou seja, os que nasceram homossexuais não lhes são destinadas as colocações dessa passagem.

A linha de pensamento é que algumas pessoas nascem heterossexuais e outras homossexuais, sendo visualizado o impulso da natureza biológica e/ou psicológica. Desse modo, o que estaria sendo condenado por Paulo seria a mudança do que é natural. Paulo e outros escritores bíblicos, devido a sua época, tiveram dificuldades de opinar sobre as questões da homossexualidade, mas fizeram de acordo com seus conhecimentos teológicos e suas tradições (ANKERBERG; WELDON, 1997).

Para o ideal da tradição cristã, observa-se que a homossexualidade era uma questão de perversão, pois seus praticantes desonram os seus corpos entre si. Esse pecado derivou da idolatria, após o povo optar por falsos deuses, deixando de seguir as ordenanças divinas. A consequência dessa escolha gerou a perversão (FERREIRA, 1998).

Nessa análise, na primeira carta a Timóteo, no capítulo 1, versículo 10, a palavra grega usada para homossexual é *arsenokoites*, sendo traduzida como “sodomitas”. O texto ensina que todos devem se submeter às leis divinas, com propósitos biblicamente definidos. Em 2 Pedro 2. 7-10, há uma referência ao comportamento dos homens de Sodoma com a “conduta de homens sem princípios”, com atos ilícitos, declarando que o juízo de Deus é destinado para aqueles que cedem a carne os seus desejos corruptíveis.

Em Judas, versículo 7, encontra-se o seguinte relato: “De modo semelhante, Sodoma, Gomorra, e as cidades vizinhas, por terem restituído procurado unir-se a

seres de uma natureza diferente, foram postas como exemplo ficando sujeitas ao castigo de um fogo eterno” (BÍBLIA SAGRADA, 2012). Entende-se que a escolha sugere a destruição de Sodoma e Gomorra como lição e alerta para os que praticam a homossexualidade (FERREIRA, 1998).

As análises do assunto homossexualidade colocam de outro modo os ensinamentos de Jesus, que pregava sobre o amor e o perdão. Em João 6:37, Ele nos ensinou: “Todo o que o meu Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora” (BÍBLIA SAGRADA, 2012). A visão é de acolhimento, que deve ser o papel das igrejas, buscando atender os anseios do povo, dar respostas e alento à sociedade, não cabendo prestar um serviço para grupos distintos ou socialmente aceitáveis.

A Metodista Unida americana relata fazer esse papel, sendo um lugar para todos, com enfoque para os discriminados e rejeitados por igrejas tradicionais. Tem suas portas abertas para os que desejam se refugiar da rejeição, fato que algumas denominações praticam contra homossexuais. A percepção dessa comunidade mantém sua história dogmática, mas buscando atender as necessidades daqueles que não se sentem incluídos para ser membros. Há muitas igrejas que se veem desafiadas nessa questão inclusiva da homossexualidade, rediscutindo suas posições dogmáticas.

3 A TRADIÇÃO METODISTA E OS DESAFIOS FRENTE AO EVANGELHO INCLUSIVO

Este capítulo trata do posicionamento de alguns movimentos tradicionais cristãos no Brasil, em especial o Metodista, em relação ao crescente pensamento de igrejas inclusivas de receber como membros casais LGBTIs. Como forma de aderir a liberdade de expressão sexual, comunidades religiosas discutem seus dogmas sobre o assunto, enquanto outras denominações fecham-se para mudanças nesse sentido.

Uma pequena parte do movimento Metodista reconhece a necessidade de receber como membros os homossexualmente assumidos, defendem a necessidade de mudanças dos dogmas, para acolher a prática homossexual. Assim, a grupo defensor da membresia tradicional tem influenciado/motivado a leigos e clérigos dentro da Metodista no Brasil a rediscutir sua posição contrária à inclusão: são novas tendências progressista dentro igrejas para torna-la mais inclusiva. Do outro lado, a maior parte não ingressou nesse reconhecimento, o que configura permanência dos dogmas contrários à mudança de aceitar uniões homoafetivas: são os mais conservadores que buscam manter a igreja dentro da linha tradicional.

3.1 Posicionamento da Metodista no Brasil para a Inclusão *Gay*

O posicionamento metodista no Brasil se divide em duas correntes: a mais antiga é a Metodista no Brasil de 1833: a tradicional, e a mais recente, a Metodista wesleyana de 1965. A primeira, em sua maioria, defende o pensamento bíblico de que homem e mulher formam um casal para a procriação, conforme a ordenança divina. Desse modo, não cabe a ideia da heterossexualidade, conforme está escrito em Gênesis 2:18, 25: E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só: far-lhe-ei uma ajudadora idônea para ele. [...] Portanto, deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e apegar-se-á à sua mulher, e serão ambos uma carne (BÍBLIA SAGRADA, 2012).

O texto bíblico atesta a criação da mulher para ser adjuntora do homem, sendo reconhecidos como casal instituído por Deus. O homem deixa a casa dos

pais para formar sua família com uma mulher e terem filhos. A heterossexualidade é evidenciada como modelo tradicional de união conjugal na sociedade.

Nessa percepção, a Metodista no Brasil classifica como pecado a prática da homossexualidade, por ser orientação sexual divergente daquela formulada pela Bíblia. Entretanto, acredita que o sujeito pode receber a graça de Deus em sua vida, passando a ser membro da denominação, desde que não pratique o homossexualismo, pois o relacionamento homoafetivo ou a união homossexual não é conduta aceita pela Igreja.[7]

A dogmática da Metodista no Brasil é de preservar o seu direito de concordar ou discordar das práticas homossexuais. Essa religião usa, além da Bíblia, os seus documentos internos. Os cânones sofrem atualizações a cada cinco anos, por meio dos concílios gerais, mas ainda não foi mudado o texto que pode instituir o casamento homossexual. A ideia dessa mudança é para configurar o direito à liberdade de expressão religiosa e à proteção de suas crenças. De modo que o desempenho de posicionar na relação homem e mulher implica a conservação dos direitos garantidos pela Constituição federal de 1988.

Essa igreja Metodista não trata o casamento como um sacramento tradicional, não se fazendo necessário a presença de um clérigo para essa celebração, observando as orientações diretas do Colégio Episcopal sobre a não celebração da união de pessoas do mesmo sexo, bem como de não se realizar a cerimônia de pessoas que não estejam oficialmente casadas: as que possuem apenas contrato de união estável:

> Art. 13 – A Igreja Metodista reconhece o direito que assiste ao governo civil de legislar sobre o casamento e exige dos seus membros obediência às leis do país, segundo os princípios do Evangelho: e, ainda que não considere o matrimônio sacramento, exorta aos cristãos a pedir a benção divina sobre a sua união.
> § 1º - Nenhum ministro ou pastor metodista pode celebrar o rito do matrimonio antes de terem os nubentes satisfeitos as exigências das leis do país (IGREJA METODISTA, 2016, p. 71).

[7] A igreja afirma que se o sujeito for homossexual, mas não pratica ou mantém relações homossexuais com ninguém, poderá se tornar membro. De outro modo, em um primeiro contato com a igreja, caso o indivíduo pratique a homossexualidade poderá frequentar as reuniões, sendo apenas participante das atividades da instituição religiosa.

Pelo trecho retro, a igreja reconhece variadas uniões e tipos de casais. Na questão da homossexualidade, recentemente no Brasil, houve um casamento onde um clérigo Metodista teve uma participação direta na cerimônia de casamento entre pessoas do mesmo sexo. Aconteceram manifestações favoráveis e contrárias ao evento, fato que provocou o seguinte pronunciamento do Colégio Episcopal:

> Irmãos e irmãos metodista, graça e paz. Neste domingo, logo pela manhã, fomos surpreendidos com mensagens enviadas, com fotos de um pastor metodista realizando um casamento gay.
> Questionamentos diversos foram feitos sobre a postura da Igreja Metodista sobre o assunto. Esclarecemos que a posição da Igreja Metodista no Brasil é clara e já manifestamos como igreja, em outros momentos, sobre a causa gay.
> Somos contra o casamento gay. É vedado, pelos nossos Cânones, aos pastores e pastoras metodistas realizar casamento entre pessoas do mesmo sexo.
> Portanto, qualquer pastor ou pastora que realizar casamento nesta condição viola a orientação da igreja, viola os votos feitos em sua ordenação ao ministério metodista.
> Assim, como em qualquer outra situação, em haja afronta aos documentos da Igreja Metodista, haverá atuação visando a correção do infrator para o bom andamento da Igreja.
> Peço aos irmãos e irmãs que orem para que tudo seja encaminhado com justiça e que a Igreja seja preservada em sua integridade (IGREJA METODISTA DE VILA ISABEL, 2006, p. 3).

Esse pronunciamento do Colégio Episcopal da Metodista no Brasil foi contrário à realização do casamento *gay*. Ressaltou os documentos que enfatizam a proibição: “Art. 6.1 É vetado ao/a Pastor/a: II – Celebrar a benção do matrimônio entre pessoas do mesmo sexo, por ser incompatível com as doutrinas e práticas de Igreja Metodista” (IGREJA METODISTA, 2016, p. 242).

Tal esclarecimento do líder religioso mostra que a conduta do pastor que celebrou a união foi escolha pessoal e não de toda Metodista tradicional. Contudo, a Metodista tradicional afirma reconhecer o direito de os membros obedecerem às leis do País, porém segundo o Evangelho. Já acerca da homossexualidade, há os que aprovam e os que discordam do que os documentos internos orientam seus membros:

> Art. 13 - § 2º - A menos que ocorra situação excepcional, nenhum casal pode receber bênção divina sobre o seu matrimônio sem que tenha recebido instrução adequada, conforme orientação do Colégio Episcopal.
> § 3º - Nenhum ministro ou pastor metodista pode celebrar a bênção do matrimônio entre pessoas do mesmo sexo, por ser incompatível com as

> doutrinas e práticas da Igreja Metodista (IGREJA METODISTA, 2016, p. 72).

A Metodista no Brasil permite excepcionalidades de que haja matrimônio sem orientação adequada. O posicionamento oficial dessa igreja é de não realizar casamentos entre pessoas do mesmo sexo. Entretanto, há pastores que rompem com esse paradigma e membros gerais que aprovam esse rompimento, buscando mudança documental do posicionamento da comunidade. A prática da homossexualidade é vista como consenso pela minoria e como divergente das orientações bíblicas pela maioria. Mesmo assim, as manifestações e pronunciamentos desse grupo menor têm causado discussão sobre a possibilidade de mudar o posicionamento oficial igreja no Brasil. Casso isso aconteça, ela perceberá a causa *gay* como forma inclusiva da membresia atual.

3.2 A Percepção dos Gêneros nos Seguimentos Sociais e a Relação entre Graça e Culpa

As concepções de fatores genéticos apontam para uma diversidade sexual cada vez mais vasta. As categorias de homossexualidade buscam explicar que homens e mulheres podem expressar seu gênero pelo cunho biológico e/ou psicológico. O raciocínio dessa causa homossexual compreende essas questões como determinantes para o comportamento sexual da sociedade contemporânea.

Alan Brash (1998) explica que existem muitas evidências de que a atitude de o sujeito perceber sua homossexualidade esteja ligada a mudanças em vários seguimentos da sociedade. A política, a educação, as ciências e o âmbito religioso entendem a questão homossexual na sociedade de forma ora distinta, ora com aproximação das ideias. Em geral, o entendimento de que é preciso que todos tenham uma convivência respeitosa uns com os outros é pacífico, porém os homossexuais reclamam de rejeição e homofobia na sociedade.

Há defesas que proferem sobre a incompreensão e a violência contra pessoas homossexuais, que desencadeiam as discussões significativas de como encontrar soluções para os casos que desabonam a causa *gay*. O fato de haver igrejas, como a Metodista no Brasil, que continuam a sustentar que práticas

homossexuais são contrárias à tradição bíblica, vem causando a reação dos adeptos à inclusão. Eles defendem que orientação sexual é intrínseca ao ser, devendo ser percebida como indivisível ao sujeito (BRASH, 1998).

Empereur (2006) atesta que, mesmo com as crenças das contradições e discursões sobre o assunto homossexualidade, não se pode afirmar que pessoas *gays* não tenham a possibilidade de ter uma vida espiritual. Pensando nisso, tem crescido o número de literaturas sobre a relação entre espiritualidade e homossexualidade, sendo muitas delas ligadas ao cristianismo. Nesse ideal, igrejas evangélicas tradicionais vêm mudando seu discurso para abandonar o preconceito.

O movimento da inclusão e da aceitação homossexual espera que o crescimento dos favoráveis a essa causa seja maior do que tem sido nos últimos anos. Conforme Feitosa (2018), Jesus provoca uma revolução nos costumes tradicionais, ao quebrar paradigmas de comportamentos da lei de Moisés. Ele tocou em leprosos, conversou com mulheres prostitutas, sentou à mesa com pecadores. Suas atitudes causaram desconfortos em muitos da sociedade da época e repercute na atualidade. Ele não condenava os pecadores, mas perdoava-lhes os pecados, conforme se interpreta em João 8:1-11:

> Jesus, porém, foi para o Monte das Oliveiras. E pela manhã cedo tornou para o templo, e todo o povo vinha ter com Ele, e, assentando-se, os ensinava.
> E os escribas e fariseus trouxeram-lhe uma mulher apanhada em adultério; E pondo-a no meio, disseram-lhe: Mestre, esta mulher foi apanhada, no próprio ato, adulterando. E na lei nos mandou Moisés que as tais sejam apedrejadas. Tu, pois, que dizes?
> Isto diziam eles, tentando-o, para que tivessem de que acusar. Mas Jesus, inclinando-se, escrevia com dedo na terra.
> E, como insistissem, perguntando-lhe, endireitou-se e disse-lhes: Aquele que dentre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela.
> E, tornando a inclinar-se, escrevia na terra. Quando ouviram isto, redarguindo da consciência, saíram um a um, a começar pelos mais velhos até aos últimos; ficou só Jesus e a mulher que estava no meio.
> E, endireitando-se Jesus, e não vendo ninguém mais do que a mulher, disse-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou?
> E ela disse: Ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: Nem eu também te condeno, vai-te, e não peques mais (BÍBLIA SAGRADA, 2012).

Sabe-se que a essência do Evangelho de Cristo é o acolhimento. Pode-se então dizer que cabem as igrejas ser inclusivas. Em Romanos 9: 25-26, o discurso

de Jesus foi de chamar povo ao que não era: Eu chamarei meu povo ao que não era meu povo; E amada à que não era amada. E sucederá que no lugar em que lhes foi dito: Vós não sois meu povo; Aí serão chamados filhos de Deus vivo" (BÍBLIA SAGRADA, 2012).

Segundo Kirst e outros autores (1987), um termo técnico usado quando uma interpretação busca colocar ideias de motivos particulares para manipular sentidos é chamado *Eisegese*. É uma forma inversamente contrária à exegese, que procura meios legítimos para compreender o sentido original do texto. A prática eisegética de determinados grupos religiosos apresenta interpretações, que podem ser entendidas como preconceituosa.

As igrejas não podem ser somente para héteros, devendo alcançar a todos. O evangelho de Cristo é para todos indistintamente, compreendendo a mensagem do amor e da graça divina. Os fundamentos bíblicos exigem a mudança comportamental e de caráter do indivíduo. Em denominações tradicionais ou não, acredita-se que há mudanças necessárias para o acolhimento divino. As escrituras levam o sujeito a pensar que tais mudanças são condicionadoras para viver conforme o período da graça em Jesus (FEITOSA, 2018).

Quanto ao entendimento entre graça e culpa, o Evangelho de Cristo recebe interpretações que causam divergências dogmáticas, que deixam muitas pessoas em dúvida sobre as questões da graça divina. Surgem sentimentos de culpa, sendo necessários os esclarecimentos que levem alívio a essas opressões sentimentais. Feitosa (2018) afirma que a graça e a culpa são duas coisas incompatíveis com a teologia de Cristo. É necessário remover a culpa para que a graça encontre lugar nas mentes dos indivíduos, sendo esse um dos objetivos das comunidades inclusivas.

Em grande parte, as pessoas que procuram as comunidades religiosas LGBTIs desejam absorver o favor da graça divina, mas só conseguem se alcançarem se liberar da culpa. Ao compreenderem que não há condenação bíblica à orientação sexual, passam a se expressar e identificar sua posição de gênero, ocorrendo o verdadeiro movimento de inclusão dentro das igrejas.

Para Feitosa (2018), pela desmistificação teológica que busca apenas condenar a homossexualidade, será possível que a igreja seja o canal da graça e do amor de Deus para a transformação de vidas. O discurso de Jesus não estava centrado em fazer as pessoas cumprirem a lei, mas entendê-la com base no amor

a Deus e ao próximo. Pregou o Evangelho da graça, a fim de alcançar a todos, como argumenta a passagem bíblica, no texto de João 10:14-16:

> Eu sou o bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas, e das minhas sou conhecido. Assim como o Pai me conhece a mim, também eu conheço o Pai, e dou a minha vida pelas ovelhas.
> Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só Pastor (BÍBLIA SAGRADA, 2012).

Jesus veio para cumprir a lei e para conduzir a todos ao tempo da graça. Desse modo, a tradição da igreja não precisa ser destruída, mas revista com a ótica de Cristo. Ele deu vários exemplos de amor e graça, quebrando modelos preconceituosos, que contrariaram os costumes rígidos da época. Ao conversar e sentar-se com pecadores, mostrou ao mundo para que veio.

O missionário Jesus era humilde, tendo tudo, fez-se pobre para ajudar os necessitados de perdão e cura de seus males. Ao lavar os pés dos discípulos, provocou a reação de Pedro, que se sentiu constrangido com tal atitude, como está escrito em João 13:6-7. Os apóstolos deveriam servir aos outros como Ele serviu aos que cruzaram o seu caminho, como forma de mostrar esse amor para com todos.

Jesus enfatiza que, para Deus, todos são iguais e podem receber a graça divina. Ele demonstrou que a tradição não pode ser amarras das ações de amor. Na passagem de Mateus 15:11-20, rebateu a crítica contra os discípulos não terem lavado as mãos para se alimentarem. Jesus deu uma lição de que a pureza não está na parte física, mas do coração, de onde procedem as coisas que realmente contaminam o homem:

> Não é o que entra pela boca que contamina o homem, mas o que sai da boca, isto, sim, contamina o homem. Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem. Porque do coração procede os maus desígnios, homicídio, adultério, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas as coisas que contaminam o homem; mas o comer sem lavar as mãos não o contamina (BÍBLIA SAGRADA, 2012).

O cumprimento dos costumes com a rigidez que se os judeus esperavam foi rompida com os mandamentos de amor e graça. O justo para Ele é seguir primeiro as regras de fé para a real purificação do corpo e da mente. Jesus dá a

compreensão de como fugir da intolerância e da hipocrisia, o que Ele espera é a demonstração de amor e respeito aos outros.

4 O LIVRE DIREITO DE EXPRESSÃO RELIGIOSA

A questão da homossexualidade pode ser analisada com a base no direito, para trazer a discussão do assunto ao campo da religião. A legislação defende a livre expressão religiosa em todo território brasileiro. A Constituição federal de 1988, em seu art. 5º, preceitua que ninguém seja discriminado pela consciência, devendo ser resguardo os locais de culto:

> Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes do País a inviabilidade do direito à vida, à liberdade, à segurança e a propriedade nos termos seguinte: [...]
> VI – é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantido, na forma de lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias;
> VII – é assegurado, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis, militares e de internação coletiva (BRASIL, 1988).

Pensar em liberdade religiosa é conhecer a questão da intolerância e do desrespeito a diversidade de credos, como as comunidades inclusivas. Nenhuma religião pode se sobrepor a outra, por qualquer motivo. A proteção de todas as formas de religião infere a igualdade, que não permite a discriminação entre elas.

A livre manifestação da prática religiosa pode estar ligada a fatores diversos, tais como: cor, raça, etnia, cultura, opção sexual. O direito de crença se volta para a escolha de expressão religiosa, podendo difundir os dogmas para a difusão do credo. Desse modo, ter ou não uma religião é de cunho pessoal, cuja liberdade de crença é elemento da própria individualidade.

4.1 Inclusão Religiosa e a Visão de Preconceito e Liberdade

As manifestações religiosas diversas no Brasil podem ser analisadas dentro de parâmetros, como a não privação dos direitos por motivo de crença ou convicção. A previsão do art. 5º, inciso VIII, abrange o fato de resguardar o acesso à liberdade religiosa:

> Art 5º, VIII – ninguém será privado do direito por motivo de crença ou de convicção filosófica ou política, salvo as invocar para examinar-se de

> obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei (BRASIL, 1988).

A visão é de um cumprimento legal que não entra em conflito com outros direitos fundamentais. Isso se refere à harmonia da liberdade de expressão religiosa com a vida social. Não se pode denegrir ou perseguir as manifestações dos credos religiosos de outrem, fato que gerará sanção contra os infratores.

O direito a ter uma religiosa é conquista fundamental ligada aos direitos humanos. A multiplicidade de religiões é vista como positiva para difusão da diversidade de credos. Nesse pensamento, as comunidades evangélicas de inclusão LGBTIs contam com a proteção do Estado para ter suas portas abertas para todos que as desejam integrar.

Os princípios fundamentais estão propagados desde o art. 3º, inciso IV: “[...] promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1988). Os direitos individuais advêm para o bem-estar de todos. Contra o preconceito cabe a criação de formas de harmonizar o convívio social.

Também a liberdade de expressão permite que cada religião fundamente seus documentos internos, contendo o conjunto de dogmas e tradições difundidas por seus membros. Essa liberdade não é de mera permissão, já que as comunidades podem prestar seus cultos sem interferência estatal e sem fechamento de suas portas, a não ser se infringir preceitos legais.

Os conflitos de interesses entre religiões não podem gerar fatos discriminatórios. Os movimentos inclusivos religiosos e os tradicionais podem defender aquilo que acham ser correto, mas sem praticar a intolerância, para que haja harmonia no convívio social.

Falar em homofobia e/ou intolerância religiosa é expor conflitos de interesse. Contra certas condutas intolerantes e/ou homofóbicas, existem correntes e projetos de criminalização. A liberdade de expressão não inclui discursos de ódio. É necessária a construção de uma sociedade livre, portanto, respeitando a pluralidade religiosa. A ideia democrática e cidadã se difunde nessa compreensão de direitos religiosos de todos.

Nesse sentido, percebem-se algumas movimentações religiosas, que buscam mobilizar a sociedade civil e o Estado em favor da inclusão ampla e

irrestrita. A comunidade LGBTIs é considerada parte do conjunto dos grupos minoritários, que se inscreve nas condições de igualdade de direito.

O acesso a uma religião é legitima no universo das representações e das crenças individuais. O direito está acessível a todas as pessoas. Natividade (2009) discute sobre religião e homofobia, apontando os conceitos conservadores nos discursos religiosos. A opção sexual e os estereótipos podem ser alvos de construções discriminatórias:

> As motivações subjacentes a essas reações de repúdio poderiam ser muito plurais, mas seus efeitos alinhavam-se em função de demarcarem e depreciarem uma categoria de pessoas. Embora fosse empregada então para assinalar uma suposta condição "patológica", entendemos que a noção de homofobia pode também ser útil para diagnosticar processos de estigmatização que incidem sobre sujeitos que exercem formas da diversidade sexual (NATIVIDADE, 2009, p. 125).

As observações a respeito das motivações de discriminação propõem discutir a "homofobia cordial", que seria uma forma de reconhecimento dos homossexuais por parte dos evangélicos. Tal reconhecimento teria o "disfarce" de acolher aos homossexuais com cordialidade, mas visando a sua mudança comportamental do homossexualismo:

> Estratégias convergentes como a homofobia cordial, mas dotadas de efeitos muito distintos, costumam comparecer em práticas religiosas voltadas para o cuidado pastoral junto a fiéis. Uma forma particularmente insidiosa de homofobia pastoral poderia ser identificada na perspectiva evangélica de "acolhimento" aos homossexuais, sustentada por certas iniciativas religiosas, que incorpora pessoas LGBTIs aos cultos, visando ao seu engajamento em um projeto de regeneração moral, pela libertação do homossexualismo (NATIVIDADE, 2009, p. 127).

No trecho acima, as estratégias de acolher, que busca a regeneração moral do homossexualismo, são amostras da homofobia cordial. Nessa percepção, a perspectiva da teologia inclusiva recebe as minorias sociais, colocadas como categorias socialmente estigmatizadas. Ao exemplificar homossexuais, o discurso religioso tradicional lhes nega o amor divino sem lhes mudar a condição *gay*. Já a teologia inclusiva preenche um lapso desse amor incondicional, observando a diversidade humana existente:

> Hoje ao menos na maioria das igrejas cristãs, os negros e as mulheres já desfrutam de um tratamento igualitário, conquistado após séculos de exclusão injusta, “aparentemente embasada” nas Escrituras. Hoje, ao menos uma categoria da diversidade humana ainda luta pelo direito à inclusão nas variadas estruturas religiosas cristãs no Brasil e no mundo: homossexuais. A Teologia Inclusiva busca demonstrar, pelas Escrituras Sagradas, que a homossexualidade constitui outro aspecto da alteridade humana, tão natural quanto à cor da pele ou dos olhos por exemplo. Não constitui, em si, uma nova teologia, mas um aspecto teológico fundamentado na dignidade da pessoa, nas necessidades individuais de homens e mulheres e na valoração da identidade de cada ser humano, criado à imagem e semelhança de Deus (FEITOSA, 2018, p. 14).

A inclusão prevista na teologia inclusiva manifesta sua proposta de valorizar a identidade de cada um de seus seguidores. Os adeptos aderem a essa proposta para se sentirem aliviados de pressões contrárias à livre normalização das relações amorosas entre pessoas do mesmo sexo (MISKOLCI, 2007). O movimento homossexual marca presença no campo religioso de forma articulada para abalar as estruturas heterocêntricas:

> Trata-se de questionamentos e grupos ora assimilados, ora silenciados, mas raramente exitosos em suas reivindicações de mudança estrutural. A reivindicação de direitos civis e humanos questiona não apenas os fundamentos sociais e culturais, mas também os fundamentos da organização e prática eclesiástica, bem como o discurso teológico que a fundamenta (MUSSKOPF, 2005, p. 2).

Pessoas homossexualmente assumidas buscam reivindicar a normalidade das práticas homoafetivas. Ter a benção religiosa para sua união homossexual faz parte dessa reivindicação. Entretanto, ainda se deparam com resistências das igrejas que não reconhecem essa legitimidade.

Há o discurso cristão contrário ao casamento *gay* corresponde à oposição da teologia inclusiva. Diante das diferenças doutrinarias, os conflitos entre religião e homossexualidade podem ser trabalhados para mudar a ideia cristã não inclusiva, a partir de vários aspectos, com a ajuda do judiciário, para tentar pôr fim às divergências.

Para a juíza de direito, Claudia Nascimento Vieira, da 1ª Vara de Família da Comarca de Nova Iguaçu no Rio de Janeiro, afirma que o “casamento” entre pessoas do mesmo sexo foi legalizado pela Resolução 175 pelo Conselho Nacional de Justiça, em meados de 2013. O Supremo Tribunal Federal, utilizando da arguição de descumprimento de preceito fundamental 132/RJ e da Ação Direta de

Inconstitucionalidade 4277/DF, trouxe do artigo 1.723 do Código Civil para o reconhecer a união estável entre pessoas do mesmo sexo como entidade familiar. Entretanto, o legislador não alterou o texto da Constituição federal de 1988 (BRASIL, 2013).

Desse modo, o direito da união homoafetiva é reconhecido pelo judiciário. É destacado que a legislação brasileira não esgota as possibilidades de interpretações referentes à união estável entre pessoas do mesmo sexo. As partes vistas como lacunas são preenchidas, de acordo com os casos concretos das uniões homossexuais.

Essa posição estabelece que é vedada às autoridades a recusa da habilitação, conversão de união estável e celebração de união *gay*. Nenhum cartório pode recusar-se a celebrar a união entre pessoas do mesmo sexo. Já no âmbito religioso, não há obrigatoriedade de um oficial ou uma entidade para celebrar casamento homoafetivo.

As igrejas inclusivas cristãs, projetadas para acolher toda a diversidade humana, realizam casamentos *gays*, como forma de fortalecer o movimento na sociedade. O sentimento de culpa cede lugar ao apoio social e religioso. Uma comunidade inclusiva mostra assim seu objetivo de trazer uma resposta para as religiões consideradas homofóbicas, ao resguardar o direito da homossexualidade, defendido pelo judiciário.

A expressão da fé cristã inclusiva é de formação de pessoas livres de preconceitos. Feitosa (2018) afirma que, em média, 80% das pessoas que buscam as igrejas inclusivas estiveram ligadas às evangélicas tradicionais não inclusivas. Essas rejeitam os sentimentos e a natureza da homossexualidade, buscando orientá-los a mudar seus relacionamentos para ser aceitos como membros de suas comunidades.

A forma de tratar as pessoas homoafetivas pode causar sentimento de culpa, rejeição, isolamentos e autocondenação. Em grande parte, são jovens que, não conseguindo se adequar a essas igrejas, acabam buscando meios alternativos de expressão religiosa. Feitosa (2018) confirma que muitos indivíduos chegam às comunidades inclusivas emocionalmente destruídos, sentindo solidão e depressão, relatando tentativas de suicídio. Encontram nas igrejas inclusivas um lugar de aceitação, socorro, ajuda para sua expressão sua fé, sem preconceito da sexualidade.

Essa forma de manifestação religiosa informa aos adeptos e à sociedade que a desinformação sobre o tema precisa ser discutida para as aberturas de pensamento. Em Atos 10:34-35, apregoa-se que “Deus não discrimina ninguém, pelo contrário, todos, em qualquer parte do mundo, que o temem e praticam a justiça, são por Ele aceitos” (BÍBLIA SAGRADA, 2012). Quando se trata de trabalhar o tema da sexualidade ou homossexualidade dentro da igreja, essa ideia de não discriminação está ligada ao acolhimento de todos.

Não diferentemente das igrejas tradicionais, as comunidades inclusivas pregam a santidade no relacionamento, o respeito e a fidelidade, e condenam os exageros, o adultério, a deformação e a mutilação do corpo (FEITOSA, 2018). Essa dogmática reconhece os direitos humanos dos homossexuais. Zelam pelo bem-estar de seus membros, usando ensinos bíblicos. O papel de acolhimento e tratamento desse grupo esclarece sobre a importância do direito, conforme o contexto da realidade social.

4.2 Direitos Humanos e Homossexualidade

As relações com o sagrado são manifestadas nas ações religiosas inscritas em alguma comunidade. Os direitos humanos defendem as necessidades humanas, como a religiosidade. A religião cristã brasileira (católicos/evangélicos) tem herança na tradição europeia do século XVI, XVII e XVIII, com interesses de dominação e legitimação, estabelecendo regras comportamentais.

No período da inquisição, a igreja Católica condenava a fogueira os que não se adaptavam ao sistema religioso. Na atualidade, a exclusão pode ser representada pela não aceitação da homossexualidade. Para esses, é uma forma de opressão do sistema, que gera o sentimento de inquietação para se libertarem do que lhes incomoda. Há a luta pelo reconhecimento da naturalidade homossexual, contraponto ao modelo de família desprezado pelas comunidades inclusivas, que atenta para as necessidades atuais (PEREIRA, 2013).

O reverendo José Geraldo Magalhães, junto com a reverenda Gladys Barbosa Gama, ambos metodistas, criticaram o Projeto de Lei 1411/2011[8], que tramitou na Câmara dos Deputados, a fim de reconhecer como não sendo crime a recusa de igrejas não realizarem casamentos *gays* e desobrigar as mesmas de aceitarem presença de pessoas que violem seus valores e princípios, mas sem que essa conduta seja considerada discriminação.

O objetivo desse PL é de proibir os homossexuais de frequentem as igrejas que não os aceitam como são. Esse fato é considerado um ferimento as leis divinas e os direitos civis de ir e vir. A reverenda complementa que nenhuma autoridade civil ou eclesiástica tem o direito de proibir, impedir ou expulsar das igrejas qualquer pessoa que deseja fazer parte de tais religiões.

A Metodista, conforme Magalhães (2013), segue os princípios bíblicos de aceitação de todas as pessoas, acreditando que a graça divina poderá levá-los ao arrependimento de seus pecados e a salvação da sua alma. A prática de exclusão, com o desligamento ou a excomungação, é ato humilhante no procedimento religioso. Entretanto, há nos cânones metodistas os casos de possíveis desligamentos:

> Seção III - Do Desligamento de Membro Leigo
>
> Art. 12. É desligado/a da Igreja Metodista e, por isso, perde seus direitos de membro leigo:
> I - Aquele/a que solicita, por escrito, seu desligamento;
> II - Aquele/a que abdica dos votos feitos assumindo os de outra Igreja, sabida e confirmadamente, sem prévio aviso de sua decisão à Igreja local, tendo o seu nome cancelado pela Coordenação Local de Ação Missionária (CLAM);
> III - aquele/a que se torna desconhecido/a ou de paradeiro ignorado, tendo o seu nome cancelado pelo Concílio Local, por indicação da CLAM, após publicação de seu nome em órgão oficial da Igreja. IV - aquele/a que, sem justificativa, deixe de comparecer pelo período superior a 1 (hum) ano e após contato pastoral não volte a frequentar as reuniões da igreja local, tendo o seu nome cancelado pela CLAM; V - aquele/a que é excluído/a pôr julgamento; VI – aquele/a que tenha falecido (IGREJA METODISTA, 2016).

A conduta da Metodista não exclui, mas agrega pessoas. As recomendações são de aceitação de pessoas homossexualmente assumidas sem que essas

---

[8] Nas notícias da Câmara dos Deputados, o PL foi arquivado em 31/01/2019, de acordo com art. 105 do regimento interno.

tenham que mudar sua opção sexual. O destaque é que não há justificativa para o comportamento discriminatório e preconceituoso contra homossexuais ou qualquer pessoa.

A intolerância é colada em discussão para trazer as reflexões dos direitos humanos e a homossexualidade. Em 2017, o caso QueerMuseu do Santander (anexo 1) despertou manifestações contra os considerados intolerantes, que estão dentro das igrejas. O Cogeime (anexo 1) expôs sua reprovação de intolerâncias e sua aprovação dos direitos humanos.

Houve a manifestação de apoio a causa LGBTIs pelo Cogeime, por meio de pronunciamentos. Outro momento de posicionamento oficial da igreja, com o endosso do bispo Paulo Rangel da 1RE (Rio de Janeiro), foi o do bispo presidente, José Carlos Peres da 3RE, que se pronunciou da seguinte forma:

> Comunicado do Bispo José Carlos Peres sobre a postagem "LGBTIsMETODISTSA: Existimos e Resistimos' – 23/10/2017.
>
> Aos Pastores e Pastoras, aos Irmãos e Irmãs, graça e paz!
>
> Comunicado
> [...] Completo a minha alegria, de modo que penseis a mesma causa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento" (Fp. 2.2)
> Frente às recentes manifestações de alguns e algumas metodistas da Terceira Região Eclesiástica apoiando a causa LGBTIs, querendo trazer está discursão para a pauta da igreja Metodista no Brasil, tem causado um desconforto espiritual na fé e na crença de muitos outros e muitas outras que comungam de nossa fé cristã. Somos, enquanto liderança regional, questionados sobre qual a postura da Igreja Metodista sobre este assunto.
> Esclarecemos que a Igreja Metodista tem muito bem definido o seu posicionamento sobre o assunto e ele é expresso nas Cartas do Colégio Episcopal: Sobre Sexualidade; e sobre Homossexualismo e no Pronunciamento sobre a Lei da Homofobia. Estes documentos podem ser encontrados no Site da Igreja Metodista: www.metodista.org.br e devem ser lidos e estudados pelos irmãos e irmãs.
> Não apoiamos a causa LGBTIs, mas estamos dispostos a receber a todos/as para ministrarmos o que as Escrituras nos falam sobre o assunto. Nosso referencial é a Bíblia e não ideologias humanas...Não devemos considerar os homossexuais mais pecadores do que alguns que estão dentro da igreja, que são mentirosos, maldizentes, injustos, como bem classificou o apóstolo Paulo (1 Co. 6.9-10) A igreja tem a tendência de considerar um/a adúltero um/a pecador/a mais aceitável que um homossexual... Assuntos expostos e debatidos em redes sociais expressão opiniões de pessoas em seu direito individual de se manifestar. Isso não significa que expressem o que a Igreja Metodista acredita. Os nossos documentos, que são disponibilizados e divulgados para toda a igreja, eles sim contêm a orientação a ser seguida pelo/as metodistas brasileiros/as.
> Deste modo, esperamos que o povo metodista na Terceira Região se coloque em oração e que ao manifestarem sua opinião nas redes sociais o

> faça sem ofensas, sem agressões e que seja temperada com amor cristão.
> São Paulo, 23 de outubro de 2017.
> Jose Carlos Peres. Bispo-Presidente da 3ª RE (IGREJA METODISTA EM SÃO MATEUS, 2017).

A carta solicita a Metodista no Brasil que atente para o respeito à pluralidade de expressão e à liberdade artística. Nesse pensamento, o bispo da 1ª Região Eclesiástica, Paulo Rangel, também fez um pronunciamento sobre o assunto em questão, reforçando as palavras do bispo Perez e do posicionamento oficial da Metodista. Rangel se manifestou da seguinte forma:

> Carta de Orientação ao Povo Metodista da 1ª Região Eclesiástica
>
> A Igreja Metodista na Primeira região Eclesiástica, representada nesta carta pelo seu Presidente Reverendíssimo Bispo Paulo Rangel dos Santos Gonçalves, e seus assessores e assessoras, os/as Superintendentes Distritais, vêm orientar o povo metodista de sua jurisdição acerta do texto recentemente publicado em Redes Sociais com o Título “LGBTIs Metodista: Existimos e Resistimos”.
> Preliminarmente, cabe informar que o uso do símbolo Metodista do Brasil sugerindo a associação Oficial com qualquer grupo ou movimento sem a autorização dos devidos órgãos competentes é caracterizado de todo como indevido. Pelo uso da “Cruz e Chama” nas cores comumente utilizadas por grupos LGBTIs, muitas pessoas estão questionando se a Igreja Metodista no Brasil definiu apoio aos movimentos homossexuais, o que não é verdade. Como responsável pelo pastoreio dos metodistas na 1ª RE, declaro minha indignação a respeito da tentativa de associarem a Igreja Metodista a um grupo ou movimento sem que esse seja uma decisão de seus concílios, instancias e autoridades competentes... Não tomamos tal atitude exclusivamente por se tratar de LGBTIs, mas por uma associação não autorizada... Declaramos a valorização a liberdade de expressão, de conquistas tão cara no nosso país, mas entendemos que a expressão e opção de indivíduos não podem sugerir uma associação formal com o uso de símbolos e nome da Igreja Metodista.
> Sobre o tema da homossexualidade, permanece em vigor a Carta Pastoral “A Igreja e a Questão da Homossexualidade”, assinada pelo Colégio Episcopal, onde a posição oficial, baseada nos textos bíblicos mencionados no referido documento, e a de que para nós, metodista brasileiros, considerada pecado diante de Deus...Por fim, quero destacar, como Bispo da 1ª RE, que iremos seguir baseados nos fundamentos bíblicos e orientações do Colégio Episcopal para afirmar que não são reconhecidas os ministérios específicos LGBTIS e nossas igrejas locais, que não reconhecemos ministros ou ministras que assumam práticas e bandeiras homossexuais, e que vamos continuar nosso desafio ministerial de acolher, sem distinção alguma, todas as pessoas com suas diferenças práticas de vida e devidas propostas de mudança pelo contato com o Evangelho de Jesus, o Cristo.
>
> Nosso pronunciamento para que não haja dúvidas nos limites da 1ª RE como Igreja Metodista do Brasil pense e age, e nossa opção é porque o amor de Deus sempre nos propõe correção na vida, para nossa felicidade, ordem, e Glória d’Ele.

Rio de Janeiro, 21 de outubro de 2017.

Bispo Paulo Rangel dos Santos Gonçalves
Presidente da 1ª Região Eclesiástica (IGREJA METODISTA, 2017).

A Metodista no Brasil se manifestou para expor seus ideiais da tradição dogmática. Entretanto, mesmo dentro dessa denominação, a causa LGBTIs vem crescendo, a cada ano, pelas quais mais adeptos surgem as novas mudanças dogmáticas da religião. O intuito é de assemelhar o pensando dos direitos humanos inclusivos com a religião cristã, assim como se deu na Metodista Unida americana.

Pelo crescimento constante de pessoas homossexualmente assumidas que procuram ter uma vida religiosa, a inclusão abraça a causa dos direitos humanos de respeitar as diversidades de orientações sexuais. A comunidade evangélica inclusiva passa atender esse público, que busca resolver seus problemas emocionais e espirituais. Os que procuram se integrar ao mundo religioso metodista encontram maior suporte para as suas necessidades inclusivas.

O objetivo é de receber a todos de igual forma, sem contrariar sua opção sexual. Defende-se que o livre direito de pensamento não significa ser intolerante, nem homofóbico. O respeito de escolha do movimento religioso que cada pessoa expressa é matéria de lei. A liberdade de expressão das crenças religiosas também é tratada nas experiências individuais enfocadas nos resultados, no texto legal e nos posicionamentos sobre a inclusão homossexual.

5 RESULTADOS DA PESQUISA DE CAMPO: PERFIL E PRESSUPOSTOS DOS ENTREVISTADOS

Os resultados da pesquisa trazem as respostas ao questionário e às entrevistas. O conjunto dos dados não tem por objetivo expor as pessoas, por isso resguarda as identidades. Buscam-se colocar os pontos de vista da compreensão e do sentimento religioso de adeptos das comunidades tradicional e inclusiva. As duas igrejas da pesquisa – Comunidade Athos, em Brasília, e Metodista tradicional em Águas Lindas de Goiás - contemplam a proposta do objeto de estudo que visa discutir sobre a questão da homofobia ou a inclusão religiosa para os homossexuais.

As características do público da Comunidades Athos e Metodista de Águas Lindas são diferentes em alguns pontos. Participaram da pesquisa pessoas ligadas a Comunidade Athos de Brasília e da Metodista de Águas Lindas de Goiás, somando 20 participantes. O colhimento de todos os relatos foi pensado dentro da metodologia quantitativa *survey*, anotando as entrevistas a próprio punho. O universo da pesquisa serviu da amostra da Athos representa o seguimento das comunidades inclusivas no Brasil, e da Metodista de Águas Lindas, que mostra o dogma tradicional. Com o uso do so*ftware* SPSS, os dados apresentados têm a margem de erro de +/- 8,2% em um intervalo de confiança de 95,5%, dentro de uma frequência simples de cada questão abordada.

Os instrumentos de coleta de dados foram as entrevistas pessoais e o preenchimento do questionário (apêndice A), estruturado com perguntas abertas e fechadas. As entrevistas foram concedidas por completa disposição dos sujeitos em envolvidos. As histórias das comunidades religiosas apontam os aspectos dogmáticos e as tendências das religiões tradicionais e das inclusivas.

A abordagem envolve pessoas maiores de 18 anos, dentre os integrantes da comunidade Athos de inclusão e da Metodista tradicional. A adoção do critério de incluir apenas maiores de 18 anos e integrante da denominação pesquisada serve para analisar a condição dos participantes de revelarem o contexto religioso tradicional e o inclusivo, já que apresentam suas experiências nesses campos.

Os pressupostos do estudo são apresentados, por meio de 11 gráficos, a fim de revelar os seguintes dados: sexo biológico, idade, nível de formação, importância da religião, sentimento de exclusão, orientação sexual, opinião dos

sobre o acolhimento, abertura das igrejas para a inclusão, homossexualidade e a ideia de pecado, homossexual como membro da igreja evangélica e opiniões sobre os valores da igreja. As amostras da Comunidades Athos, dos pastores Márcia Dias e Alexandre Feitosa, e a Metodista de Águas Lindas, do reverendo José Luiz Ataíde, permitem expor a diversidade de opiniões sobre a homossexualidade no contexto religioso e social.

Os pontos que se colocam são percebidos nos relatos dos participantes, da Comunidade Athos, em Brasília, e da Metodista tradicional em Águas Lindas de Goiás. São expostos apenas alguns dos relatos das entrevistas, por serem suficientes para representar as abordagens dos gráficos. Os participantes revelam suas crenças, de caráter tradicional ou inclusivo. A coleta de dados explora o viés da religião e da homossexualidade.

No trabalho de campo, verificou-se que a comunidade inclusiva Athos e a tradicional Metodista em Águas Lindas têm ritos semelhantes uma da outra, com dogmas oriundos das igrejas tradicionais. O pesquisador participou de cultos na Athos e na Metodista tradicional. Na primeira, foi a culto de oração, público e estudo bíblico, para analisar seus rituais e acontecimentos. Na segunda, observou cultos públicos e escolas dominicais. A comunidade Athos está com suas portas desde 2005, a Metodista em Águas Lindas, a partir de 2013. Ambas estão abertas para receber todos os públicos, mas, diferente da tradicional, a inclusiva aceita os LGBTIs sem pretender mudar suas práticas *gays*.

Na Comunidade Athos, em Brasília, a primeira visita se deu no dia 11 de agosto de 2018, em um culto de maior frequência, que contava com a média de 60 pessoas. A pastora Márcia Dias e o pastor Alexandre Feitosa[9] receberam o pesquisador para saber sobre a pesquisa. Após a abertura para o estudo, observou-se que, na reunião de culto público com a pastora, o ritual e explicação hermenêutica seguiram o padrão tradicional das metodistas. Houve momentos de louvores, coreografias com participação de homens e mulheres, oração,

[9] Márcia Dias foi orientada a viver um casamento heterossexual sendo mãe de três filhos, mas assumiu a homossexualidade, sendo pioneira no movimento de inclusão no Brasil, ajudando a fundar a Comunidade Athos (FEITOSA, 2018). Márcia e Alexandre Feitosa são os pastores da Comunidade Athos, mas mantêm casamentos com outras pessoas: ela tem sua esposa e ele, seu esposo.

recolhimentos de dízimos, ministração bíblica, benção apostólica, comunhão entre os membros.

A segunda visita foi no dia 18 de agosto de 2018 para participar do estudo bíblico com o pastor Alexandre Feitosa[10]. Nesse culto, houve momentos de oração e louvores. A abordagem bíblica foi a formação do antigo testamento, citando também o novo testamento.

A terceira visita ocorreu no dia 22 de agosto de 2018 para o culto de oração, dirigido pela pastora Márcia Dias. A reunião iniciou com um louvor ao fundo para um momento de oração de joelhos. Pregou-se sobre a importância de uma vida comprometida com Deus, de desviar-se da aparência do mau, de não continuar na promiscuidade e prostituição. Após a pregação, ocorreram os momentos de interseção, unção com óleo e corrente de oração[11].

Na Metodista tradicional, localizada em Águas Lindas de Goiás, foram feitas aproximadamente cinco visitas em cultos públicos e de escolas dominicais, de agosto a outubro de 2018. A Metodista tradicional de Águas Lindas de Goiás, inaugurada em 26 de outubro de 2013. Ela é fruto do movimento de expansão missionária da Metodista do Brasil em Goiás. Busca manter suas origens e tradições clássicas. Seu atual pastor é o reverendo José Luiz Ataíde, que lidera a comunidade em crescimento.

A Metodista tradicional de Águas Lindas segue o mesmo padrão das demais metodistas no Brasil, com suas atividades cotidianas. Aos domingos, há a Escola Dominical[12] às 08 horas da manhã, geralmente, encerrada com um almoço comunitário; e o culto à noite, com início às 19:00 horas, cuja liturgia segue o padrão metodista, com momentos específicos:

- Adoração: abertura do culto com um momento musical, chamado pré-lúdio, leitura de uma citação bíblica e uma oração.

---

[10] Alexandre Feitosa, graduado em Letras e com pós-graduação em Metodologia.

[11] No momento da oração, a pastora Márcia anunciou ter uma visão na qual uma pessoa pedia ajuda ao pastor visitante (ao pesquisador). Ajuntamos todos para fazer uma oração de libertação e expulsar um espirito de morte. Esse se manifestou e fazia a pessoa se contorcer pelo chão, mas foi repreendido em nome de Jesus e, aos poucos, a pessoa voltou a si.

[12] A Escola Dominical faz parte da tradição metodista: antes de abrirem uma igreja, primeiramente, os metodistas ensinavam em praças ou em algum espaço cedido por moradores para atrair as crianças; depois, era aberta uma igreja nas proximidades.

- Confissão: pastor prega sobre a importância de todos estarem confessando seus pecados diante de Deus; realização da leitura de um texto bíblico com mensagem de confissão; oração de joelhos para a busca do perdão.
- Louvor: o grupo de liturgia apresenta os louvores ensaiados antes do culto, sendo um momento de participação de todos, animado e bastante apreciado pelas crianças. São apresentadas as coreografias por grupos diversificados - crianças e adolescentes-, devidamente escalados para aquele dia. Há também a oportunidade de alguns solos se apresentarem cantando ou tocando, se antes estavam escalados. Nesses louvores, devolvem-se os dízimos e as ofertas.
- Edificação: o sermão da noite é apresentado por meio do pastor ou de outra pessoa escalada. É momento denominado prato principal ou bolo da festa.
- Dedicação: os participantes do culto são convidados a reafirmarem sua fé, após a mensagem da noite. São feitas orações, imposição de mãos dos líderes da igreja, confraternização com abraços e comunhão.
- Anúncios e encerramento: informações dos trabalhos semanais e convite aos visitantes para estarem participando de alguma das atividades da igreja. São feitas a última oração, a benção apostólica e o pós-lúdio, sinalizando o fim do culto.

Além das reuniões, verificou-se que a Metodista de Águas Lindas possui características peculiares em sua formação, pois, no local onde começou seu funcionamento, antes funcionou uma igreja Assembleia de Deus. Essa vendeu seu antigo templo que foi adquirido pela Metodista. Uma parte da membresia assembleiana continuou frequentando a igreja por achar mais próxima de suas casas. Houve a junção de uma parcela assembleiana com os membros metodistas, sendo a Metodista de Águas lindas formada por pessoas com história de dogmas com algumas semelhanças.

Quadro 2: Perfil das comunidades Athos e Metodista tradicional

	Athos	**Metodista em Águas Lindas**
Fundação	2005	2013
Líder	Pastora Márcia Dias e pastor Alexandre Feitosa	Reverendo José Luiz Ataíde
Local	Brasília, DF	Águas Lindas de Goiás
Credo religioso	Cristão evangélico	Cristão evangélico

Seguimento	Cristã Inclusiva	Cristã Tradicional
Rito	Oriundo da igreja Cristã tradicional: orações, louvores, pregação embasada na Bíblia, com interpretações próprias de seu seguimento.	Oriundo da metodista tradicional: orações, louvores, pregação embasada na Bíblia, com interpretações próprias de seu seguimento.
Público alvo	Todos da sociedade e inclusão de homossexuais como membros. Propósito de agregar a todos, indistintamente da orientação sexual, não pretendendo mudar a orientação sexual.	Todos da sociedade e inclusão de homossexuais como participantes. Propósito de agregar a todos, indistintamente da orientação sexual, pretendendo mudar a orientação sexual.
Dogma sobre homossexualidade	Aceita o casamento *gay*, não se busca mudar a natureza homossexual, com base nas interpretações bíblicas.	Não aceita o casamento *gay*, busca-se mudar a natureza homossexual, com base nas interpretações bíblicas.

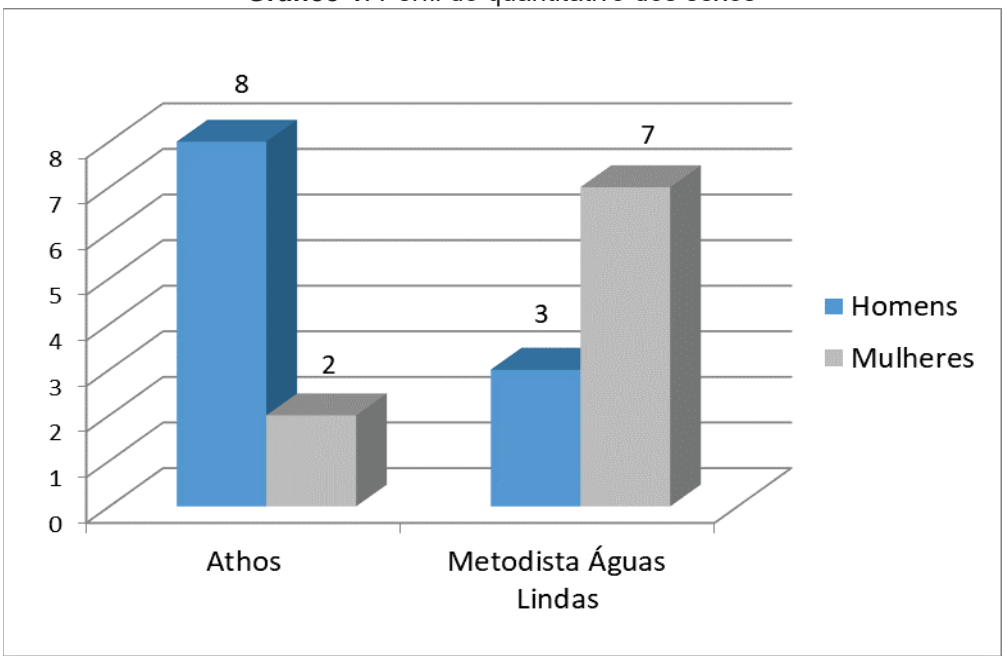
Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Nas instituições religiosas tradicional e inclusiva, mulheres e homens formam o conjunto dos participantes, que contribuem com a compreensão experiencial do fenômeno religião e homossexualidade. O estudo mostra resultados do processo de construção da realidade social e religiosa, de forma a atender o público LGBTIs. Assim, a amostra geral é exemplificativa dos anseios de movimentos religiosos inclusivos internacionais.

5.1 Sexo Biológico, Idade e Nível de Formação dos Entrevistados

A Comunidade Athos consiste em sua maioria de pessoas do sexo masculino, grande parte de jovens e adultos, com poucas crianças e poucos idosos. A Metodista de Águas Lindas mostra a sua maioria formada por mulheres, há poucos homens, mas idosos e crianças do que na inclusiva. O perfil dos entrevistados mostra o sexo biológico, que diverge da tendência sexual; a idade, que comprova o perfil membros; o nível de formação para dar a ideia de instrução e cultura.

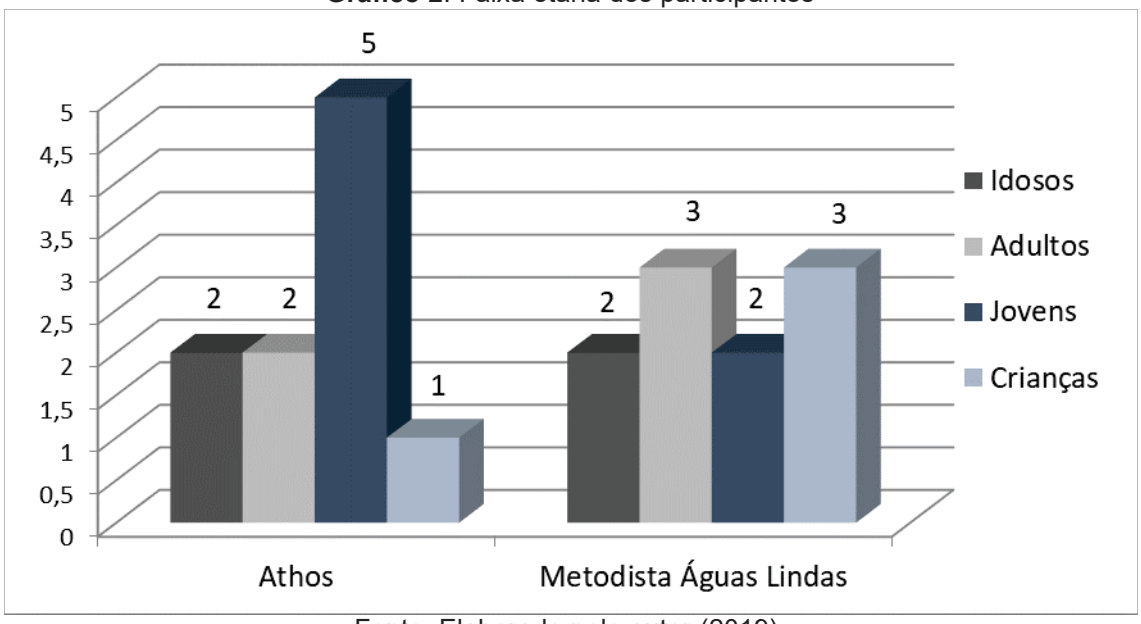
Gráfico 1: Perfil do quantitativo dos sexos



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Na Comunidade Athos, o sexo biológico em sua maioria sendo masculino conjuga com as idades dos participantes, que representam a forte presença da juventude nas opiniões da igreja. Já a tradicional tem o público com maior número feminino, sendo considerável o índice de crianças e velhos, considerando o total de 10 pessoas.

Gráfico 2: Faixa etária dos participantes

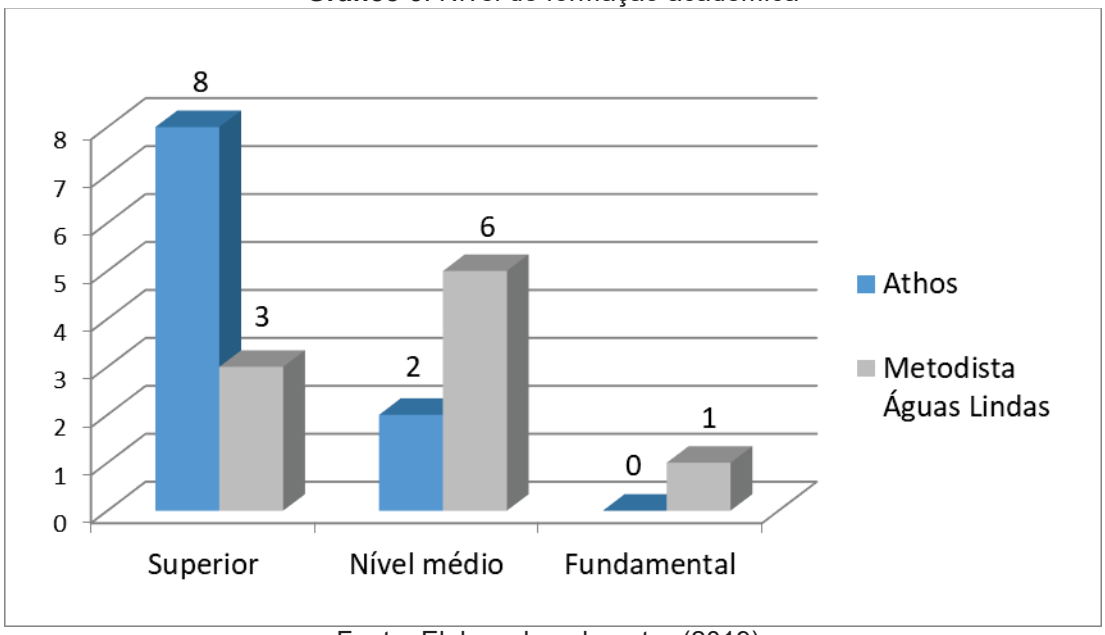


Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

As comunidades pesquisadas possuem uma membresia com faixa etária bastante diversificada, mas, na Comunidade Athos, a maioria é de jovens. O gráfico 2 mostra, em ambas as igrejas, a partir da idade de 18 anos, as opiniões que ora se assemelham, ora se distanciam.

Na Comunidade Athos, a formação acadêmica refletiu no grau de instrução superior, de quase todos que participaram das entrevistas. Já a tradicional tem o público com maior número feminino, sendo a formação das pessoas de poucos índices do ensino superior.

Gráfico 3: Nível de formação acadêmica



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

O nível de formação acadêmica dos membros da Comunidade Athos é mais alto do que da Metodista tradicional, que apresenta três pessoas com nível superior. A diferença mostra o perfil de escolarização da igreja interiorana e da comunidade localizada na capital federal.[13] Na denominação tradicional, mesmo com menos instrução universitária, as pessoas expressam suas percepções dos significados da religião, como se verá nos próximos gráficos. O maior número de membros com curso superior na Comunidade Athos em Brasília pode se dar por

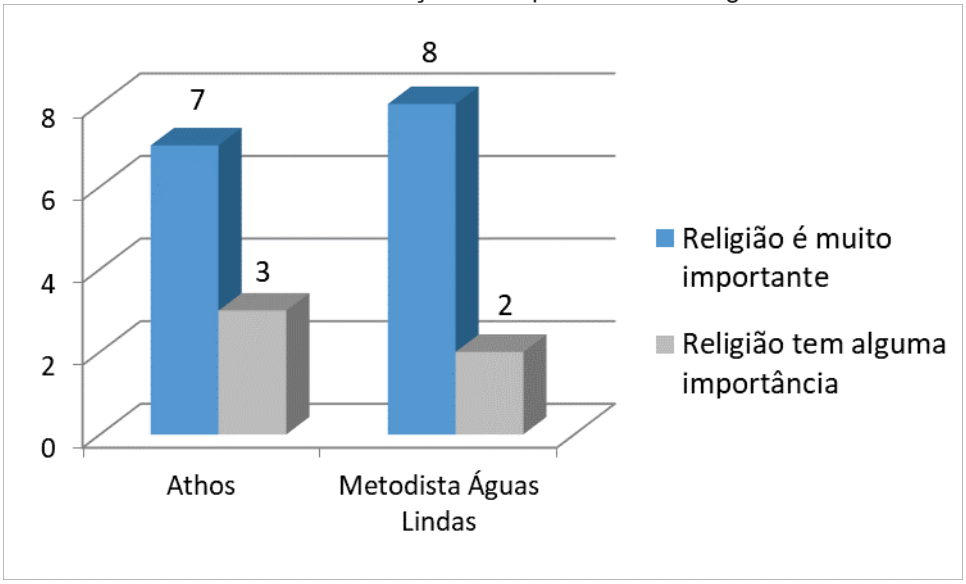
[13] Águas Lindas tem uma população de aproximadamente 160 mil habitantes. Já Brasília tem cerca de 2 milhões e 500 mil. Distancia de Águas Lindas a Brasília é cerca de 52km.

motivo de estar localizada em uma metrópole, enquanto a Metodista tradicional, apesar de próxima de Brasília, está em uma cidade pequena do interior de Goiás.

5.2 Importância da Religião para os Participantes

A religião é questão importante para as relações do homem com o sagrado. Os participantes homossexualmente assumidos revelam essa importância da vida religiosa, participante livremente da comunidade inclusiva, o que não ocorreu em igrejas tradicionais. A procura por uma igreja inclusiva deu-se para mudar seus sentimentos traumáticos da não aceitação da homossexualidade. Encontraram apoio em sua denominação atual, assumindo sua sexualidade juntamente com sua crença.

Gráfico 4: Declaração da importância da religião



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

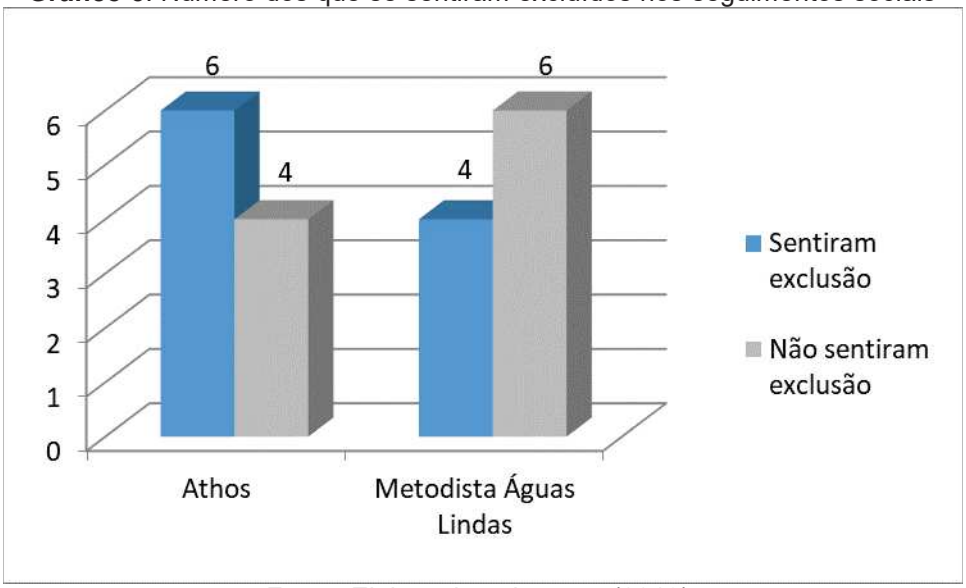
As declarações feitas pelos entrevistados revelaram trocas de experiências. A expressão reveladora da religião ser importante ou muito importante era esperada pela pesquisa, pois é comum integrar-se ao meio religioso por sua representação para os membros, sendo a religião essencial: “nunca vou abrir mão da minha fé. A religião é fundamental para a vida de quaisquer pessoas, principalmente quando se passa por momentos de crise, discriminação e até abandono quando se assume a homossexualidade” (ENTREVISTADO 1).

A percepção dos entrevistados contém a visão da fundamental importância da religião, que compartilha o motivo de ser membro da igreja inclusiva ou da tradicional. Nesse trecho do relato, o participante masculino, com 39 anos, nível superior, é um representante da religião que lhe ajuda a preservar a fé. A comunidade religiosa é *lócus* de ele manifestar essa essencial importância da religião.

5.3 O Sentimento de Exclusão na Orientação Sexual e a Opção de Acolhimento

O sentimento de alguns entrevistados declarou ter havido a exclusão. Os pastores da Comunidade *Athos* de Brasília, informaram que os membros de sua comunidade chegam feridos e doentes emocionalmente, porque sentiram rejeição, isolamento e desejo de suicídio. Aos poucos, vão se recompondo e perdendo o desejo pelo suicídio.

Gráfico 5: Número dos que se sentiram excluídos nos seguimentos sociais



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

O gráfico 5 levanta as declarações de sentimento de exclusão. Nessa questão, é marcante os casos de exclusão das igrejas e das famílias, como principais mecanismos sociais que interferem na vida deles. Os entrevistados

demonstraram o quanto sentiram esses atos excludentes como sendo cruéis, por contrariam os objetivos comuns tradicionais desses seguimentos da sociedade:

> Meu pai começou a me reprimir quando tinha 16 anos, foi dele a primeira vez que senti o sentimento de rejeição por ser quem eu sou [...] Tive de sair de casa aos 19 anos pois meu relacionamento com meu pai já estava insustentável, pois as ofensas eram quase constante e ele estava culpando minha mãe por eu ser gay [...] Tentei ajuda em igrejas evangélicas, fiquei mudando de igreja em igreja por muito tempo, mas sempre recebi mensagem me condenando ao inferno simplesmente por que eu ter uma opção sexual deferente, mas sou uma pessoa igual a qualquer outra. Tentei um relacionamento heterossexual por um tempo, mas não passava da amizade [...] num momento onde estava no fundo do poço, sem ter mais esperança de nada, encontrei Jesus numa comunidade LGBTIs (ENTREVISTADO 2).

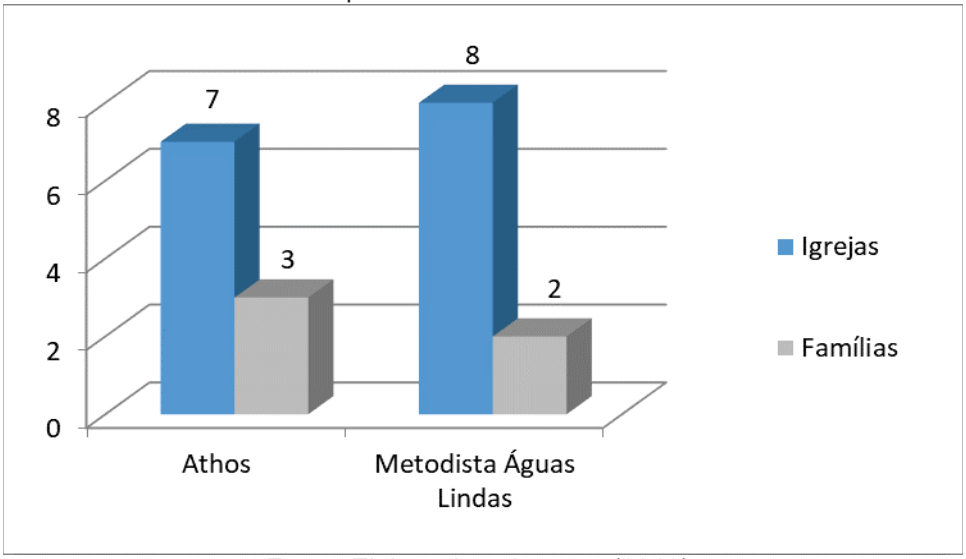
O entrevistado masculino, com 28 anos, possui ensino superior, faz declarações de mensagens evangélicas que condenaram sua orientação sexual. Entretanto, os conceitos doutrinários que excluem foram substituídos pelos que incluem pessoas nos dogmas cristãos, sem querer mudar suas práticas sexuais.

As experiências de rejeição somam a grande maioria das respostas. Os âmbitos familiar e religioso são muito consideráveis, já que a família com essa conduta de rejeitar seu ente *gay* comporta com o pensamento tradicional do modelo homem e mulher como único casal possível. A igreja tem o mesmo padrão comportamental, pregando crenças nessa mesma vertente.

O conceito familiar e religioso tem força e influência para fazer o sujeito sentir-se excluído, mais do que em outros seguimentos da sociedade, tais como: trabalho e amigos. As relações sociais podem fazer com que a homossexualidade, seja conceituada, de modo a deixá-los com profundo sentimento de rejeição ou de bem-estar, se sentirem-se acolhidos como são.

A influência da religião está sobre a orientação sexual de seus membros. Alguns relatos revelaram pessoas que experimentaram a homossexualidade em sua adolescência, mas, por posicionamentos da igreja, foram orientados a controlar e a negar seus “impulsos carnais” para se enquadrarem aos ensinamentos. Nessa crença, tiveram casamentos heterossexuais, porém retendo no oculto seu desejo homossexual.

Gráfico 6: A pretensão de controle homossexual



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Esse aparente apoio para o controle sexual não é sinal que dará certo, havendo o exemplo de entrevistados que passaram por uma união heterossexual, tiverem seus filhos, mas, não se sentido dentro de sua identificação sexual, separam-se e saíram de suas comunidades para se assumirem como homossexual e se unirem a outra pessoa, constituindo uma nova família.

O gráfico 6 mostra participantes que concordam que a igreja deve ter controle da orientação sexual. Uma declaração da participante feminina, de 36 anos, com ensino fundamental, revela que cada pessoa tem o direito de escolher o que fazer de sua vida:

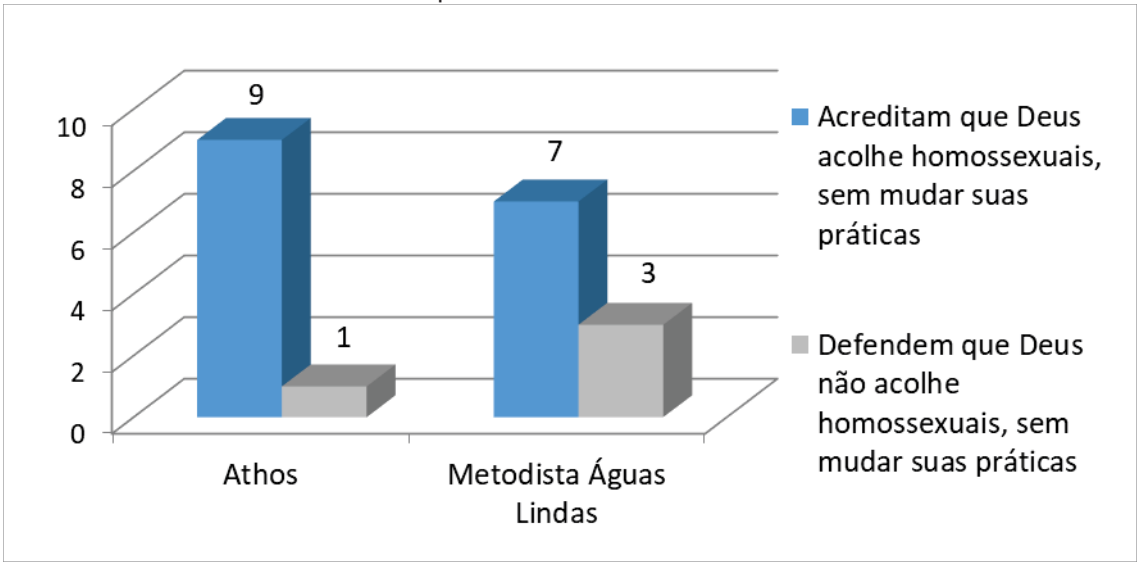
> Apesar de não ser a favor da união de *gays*, entendo que cada um tem o direito de levar a vida da forma que escolheu e cada um dará conta a Deus por suas escolhas. Deus é amor e Jesus diz que está a porta e bate, se alguém abrir Ele entra, mas se não abrir, fazer o que né. A pessoa deve aceitar e não ser obrigada a aceitar, se não, não adianta nada, né mesmo? (ENTEVISTADO 3).

O apoio a influência da igreja sobre a orientação sexual apresenta divergências significativas. Há o destaque de que essa posição não é favorável, pois reconhecem a realidade atual como forma de direito da escolha sexual pela própria pessoa. A entrevistada mulher, com 57 anos, com ensino médio, demonstra sobre a questão social e religiosa de acolher homossexual: “Não podemos fechar os olhos para o que está acontecendo, são pessoas e na maioria jovens que

precisam do apoio religioso, não podemos fechar as portas para eles, e não temos o direito de impor o que é certo ou errado (ENTREVISTADA 4).

A opinião individual sobre acolhimento é um questionamento observado para traçar visões do papel ideal da igreja, conforme espera a doutrina da inclusão. As interpretações ora podem ser vistas como distorcidas, ora como pertinentes para a as comunidades inclusivas.

Gráfico 7: Opiniões sobre o acolhimento divino



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

A maior parte das opiniões declarara que Deus acolhe sem vincular com o posicionamento da igreja. O grupo menor não concorda com essa afirmação, baseando-se no ensino de uma única possibilidade de união, que não afronta os textos bíblicos já citados. A maioria interpreta esse entendimento como bloqueador da inclusão. Os dos relatos seguintes apresentam os lados opostos dessa percepção:

> Eu acho que não tem o que discutir, a igreja não pode aceitar aquilo que Deus abominou, essa coisa de casamento *gay*, união homossexual não existe, está escrito lá na Bíblia: Maldito o homem que se deita com outro homem. Em hipótese alguma podemos aceitar isso, temos que agir conforme a bíblia nos dias e a bíblia é a palavra de Deus (ENTREVISTADO 5).

> Creio sim que a igreja representa a vós de Deus na terra, pra isso que ela existe, creio eu. Mas o que temos visto nos últimos anos é que muitas igrejas, ou melhor, muitos líderes evangélicos sufocam a voz de Deus

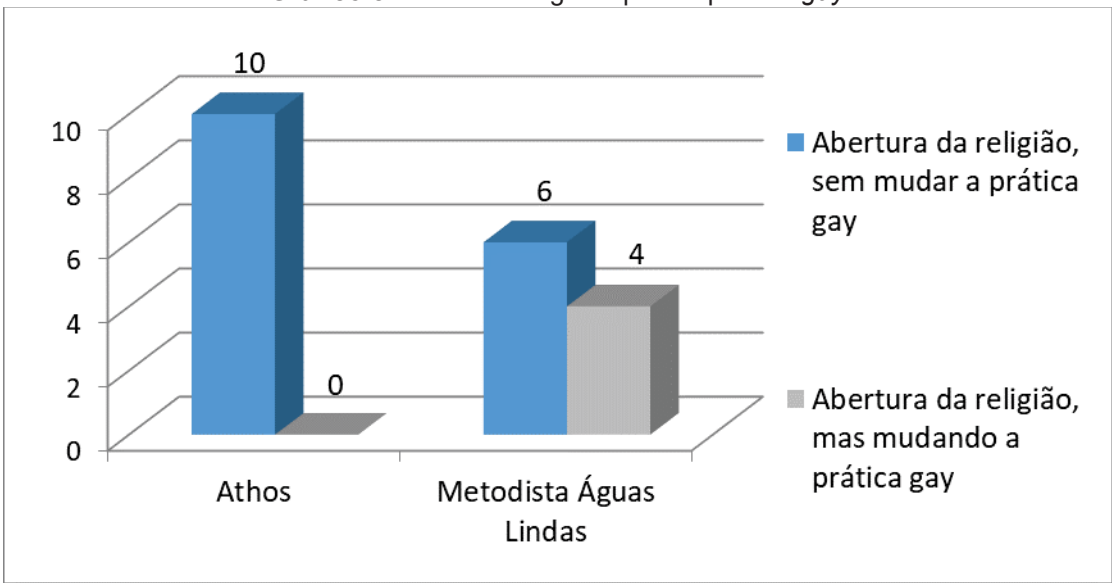
> para impor sua vontade, essa questão da união homoafetiva, pode ser uma delas (ENTREVISTADO 6).

O primeiro relado traz a opinião contrária à união *gay*, sendo o entrevistado do sexo masculino, de 34 anos, com ensino superior. A posição segunda é de uma participante mulher, na faixa etária de 33 anos, com ensino superior, mostra a aceitação do comportamento *gay*. Desse modo, de um lado, há o acolhimento de Deus dos homossexuais independente do posicionamento fundamentalista tradicional; de outro, a crença de que Deus não aprova a conduta homossexual.

5.4 Abertura das Igrejas para o Público LGBTIs e a Ideia de Pecado

As comunidades inclusivas têm sido uma espécie de refúgio para os que buscam ser incluídos dentro de um seguimento religioso cristão evangélico, não sentindo estar em pecado[14]. Essas igrejas vêm crescendo bastante seu número de adeptos. É o fenômeno *gay* que concebe a abertura de paradigmas dogmáticos da religião inclusiva.

Gráfico 8: Abertura religiosa para o público *gay*



Fonte: Elaborado pelo autor. (2019).

[14] Nas conversas com líderes da Comunidade Athos, muitos, mesmo frequentando a igreja inclusiva, continuam sentindo que estão vivendo em pecado, com as práticas homossexuais.

Esse crescimento pode configurar que o seguimento religioso está diminuindo seu preconceito contra a homossexualidade. A maioria acredita que as igrejas estão mudando sua noção da homossexualidade, deixando de ser preconceituosa. As respostas a essa questão repercutem na ideia de pecado ou novas percepções da sociedade. A instituição *Athos* acolhe essas pessoas para receberem uma nova mensagem cristã não condenatória, para não ter o sentimento de culpa.

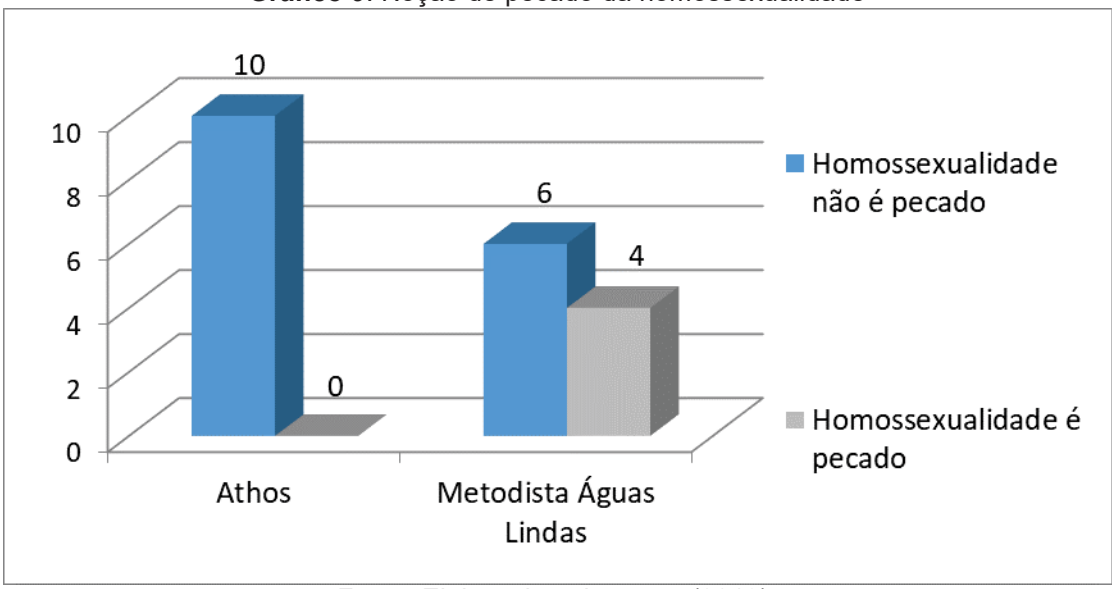
A ideia de pecado está vinculada ao fato de errar o alvo que, no caso estudado, é manter um único modelo de família, com pai, mãe e filhos. Desse modo, para essa crença, o homossexualismo é um pecado de fazer o homem se tornar abominação diante de Deus. Essa forma de pensar desencadeou sofrimentos de muitas pessoas homoafetivas, que aprenderam que a homossexualidade é um pecado grave.

O sentimento de culpa foi desenvolvido por aqueles que se viram fora do padrão familiar social. Relataram viver na exclusão e no isolamento, pela pregação de que homossexualismo é pecado grave. Devido a sua orientação sexual, eles saíram de seus núcleos familiares e religiosos, porque não sentiam bem-estar, escolhendo ser incluídos em alguma igreja. A comunidade inclusiva pode ser vista como espaço de interesse de atrair adeptos, mas também como ponto de apoio para necessitados de acolhimento:

> Os dois lados da moeda existem, o interesse no dinheiro desses membros, mas olhando o outro lado, também existe a preocupação, pois a pessoa tem o direito de ficar onde se sente melhor. Olhando o lado do pecado, penso que todos de alguma forma temos pecados graves e talvez imperdoáveis, mas isso cabe a Deus e não a nós. Não foi Jesus que disse aquele que não tem pecado que atire a primeira pedra? (ENTREVISTADO 7).

O relado retro é de um entrevistado, com 42 anos, ensino superior. Ele traz pensamentos de como pode ser vista a igreja inclusiva, mas afirma que o homossexualismo não deve ser questão taxativa de pecado por ninguém. A Deus cabe qualquer repreensão a pecados, sendo Ele o único que pode caracterizar a gravidade de uma conduta em comparação com outra.

Gráfico 9: Noção de pecado da homossexualidade



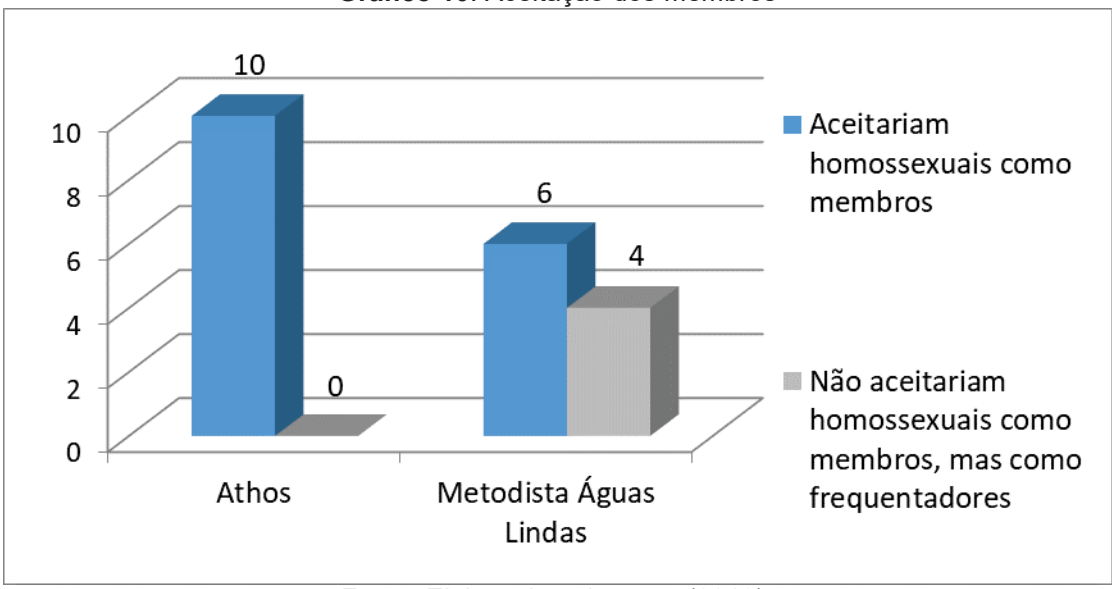
Fonte: Elaborado pelo autor. (2019).

A pregação das igrejas inclusivas é de fazer com que seus membros percebam de forma diferente a ideia de pecado. Independente de qual seja o pecado, não cabe ao homem julgar, mas a Deus. Os números mostram que muitos conseguiram se libertar do peso de carregar do pecado a eles atribuídos. Contudo, ainda há, dentro das comunidades LGBTIs, os que se sentem culpados por serem *gays*.

5.5 Homossexual como Membro da Igreja Tradicional

Este item aponta a questão de membros de instituições tradicionais aceitarem como membros os homossexuais. Com o grupo da Comunidade Athos de Brasília e da Metodista de Águas Lindas de Goiás, somando 20 participantes, encontram-se os dados e as declarações dos sujeitos, pertencentes a igreja tradicional evangélica. Há os que estão abertas para essa aderência, e a grande maioria não concorda com essa possibilidade.

Gráfico 10: Aceitação dos membros



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

O gráfico 10 retrata a pouca aceitação de um membro assumidamente homossexual na igreja tradicional. Defendem a membresia gay como um problema, pois ficaria insustentável a tese de família modelo de homem e mulher. Um entrevistado masculino, de 35 anos, com ensino superior, apresentou sua opinião:

> Sei que estamos vivendo dias muito difíceis para a igreja, a cada ano que passa está mais difícil ser um cristão genuíno, que não se mistura e não se deixa contaminar com o mundo. Eu vejo nesta questão de aceitar em minha igreja um membro homossexual não tem problema, desde que ele deixe de ser homossexual e se arrependa dos seus pecados, pois a igreja é lugar de salvação. Agora, se meu pastor aceitar uma pessoa que é homossexual e tem um relacionamento e os dois quiserem ser membros da minha igreja, e o pastor aceitar, se isso acontecer, eu saio dessa igreja, pois isso é sinal do fim dos tempos (ENTREVISTADO 8).

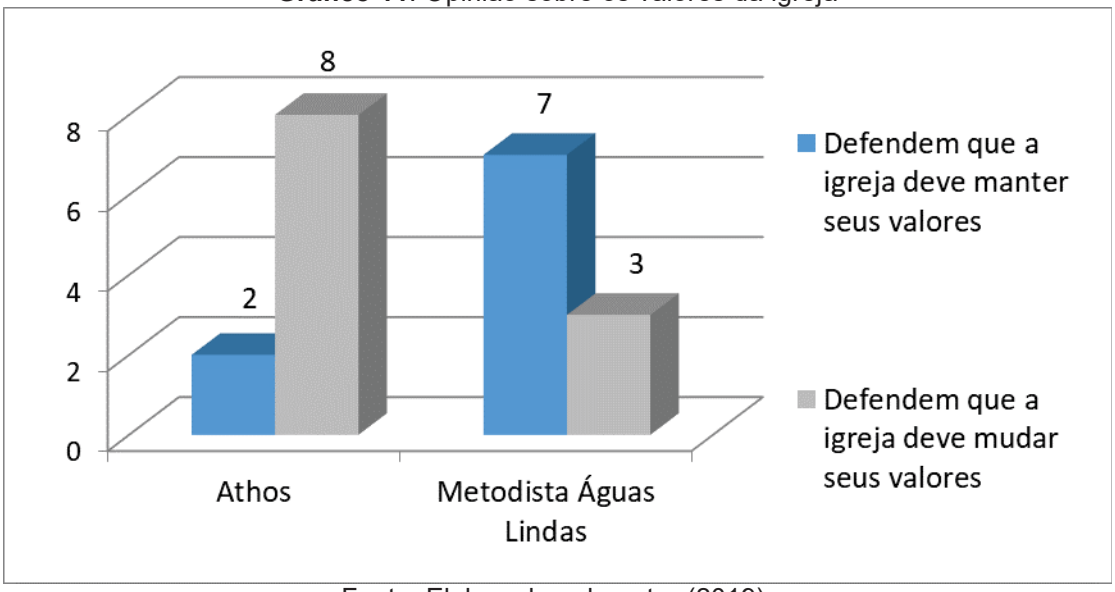
A resistência e a aceitação estão em frequentes discussões, pois a primeira contraria à causa *gay* no meio religioso e social. Percebe-se que as tradições e doutrinas institucionais tradicionais ainda são seguidas pela maioria, mas isso não desanima os apoiadores da inclusão religiosa.

5.6 Valores da Igreja

A opinião pessoal sobre os valores defendidos pela igreja tradicional e metodista aborda os motivos de a primeira não ter cedido, pelo menos até o momento, a causa gay. A necessidade de uma nova interpretação dos textos

bíblicos é vista como algo urgente para a inclusão religiosa. Com essa visão, a instituição tradicional está diante dos anseios das pretensões da homossexualidade, havendo dentro de uma instituição membros que se posicionam de forma diferente.

Gráfico 11: Opinião sobre os valores da igreja



Fonte: Elaborado pelo autor (2019).

Na igreja tradicional, uma parte das opiniões pontuou aprovar novas mudanças para a questão homossexual. Outra parte defendeu o dever da instituição se manter firme para não perder sua essência e identificação do que é sagrado. O mesmo paradoxo aconteceu na comunidade inclusiva. Por um lado, manter os valores é sinal de equilíbrio do dogma. Por outro, manter tais valores significa engessar mudanças necessárias para a homossexualidade ser vista como algo não pecaminoso.

O relato do participante masculino, de 50 anos, com ensino médio, representa o papel da igreja na sociedade. A manutenção da igreja na tradição é tratar o pecado como tal, isso não pode ser manipulado. A renovação também está induzida nesse trecho, pois o discurso prevê o atendimento das necessidades do público:

> Vejo a importância da igreja está atenta as mudanças e as necessidades das pessoas, porém a essência da igreja não pode ser perdida, o amor o acolhimento aos necessitados. [...] Não podemos mudar a palavra de Deus, pois o que é errado sempre será errado, o que é certo sempre será

> certo, isto a igreja não pode mudar [...] Os ensinamentos de Cristo devem ser preservados e não podem ser manipulados (ENTREVISTADO 9).

Por outro lado, o entrevistado destaca o papel da igreja de propiciarem bem-estar aos seus membros. É normal, alguém estar ligado a uma comunidade para compartilhar seus ideais de crença. O direito e a liberdade inferem na diversidade de opiniões, incutidas com os ensinamentos recebidos em suas igrejas.

Ser membro de uma igreja inclusiva não significa que todos se encontram no mesmo padrão de pensamento ou que defendem as mesmas questões doutrinárias. Os posicionamentos diferentes servem para representar opiniões sobre os assuntos homossexualidade, direitos, respeito, liberdade de escolha, interpretação bíblica, culpa, pecado, como sendo os pontos principais dos sentidos da vida do sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa mostrou como objeto a tradição da Metodista e seu posicionamento frente à homofobia religiosa e à inclusão de pessoas que assumem a homossexualidade. As crenças e as interpretações bíblicas das comunidades foram analisadas para a exposição dos motivos dogmáticos de cada seguimento religioso. Diferentes movimentos internacionais fundamentaram as ideais das igrejas inclusivas LGBTIs, sendo um fenômeno que tem levantado discussões sobre a aceitação da ideologia *gay* na Metodista tradicional.

A amostra de pessoas maiores de 18 anos foi das denominações Athos, em Brasília, dos pastores Márcia Dias e Alexandre Feitosa, e Metodista tradicional de Águas Lindas, do reverendo José Luiz Ataíde. Elas permitiram analisar as diferentes opiniões sobre a homossexualidade no contexto religioso e social. Ambas as igrejas representaram o pensamento religioso tradicional e o inclusivo *gay*, em Brasília e em Goiás.

O questionário (apêndice A) estruturado com perguntas abertas e fechadas e as entrevistas revelaram experiências do mundo religioso inclusivo e não inclusivo. Os entrevistados da Comunidade Athos e da Metodista tradicional de Águas Lindas, soma 20 pessoas - tiveram liberdade para expor suas opiniões sobre os pressupostos da religião e da homossexualidade. A pesquisa quantitativa pelo *survey* apresentou os instrumentos de coleta de dados para análises apresentadas nos gráficos e nos trechos das entrevistas pessoais, que apontam aspectos das experiências da vida religiosa.

A percepção da sexualidade repercute na aceitação da religião comungada com a questão homossexual ou na não aceitação, encarada como homofobia. Para a igreja inclusiva, a família tradicional - homem e mulher - já não é a única forma aceita pela sociedade, que tem o respaldo da legislação brasileira para seu posicionamento. Os relacionamentos entre *gays* são vistos por muitos como algo natural e totalmente aceitável. Entretanto, o pensamento de pecado da homossexualidade é sustentado pela maioria dos tradicionais.

Os resultados mostraram as interpretações religiosas sobre a liberdade de crença e pensamentos. De um lado, aparece a inclusão *gay*, sem quer mudar os significados da homossexualidade. De outro, tem-se o grupo tradicional, que não

aceita essa forma de inclusão. Compreende-se assim a presença de formas diferenciadas de expressão religiosa, protegidas pela Constituição federal de 1988.

A religião individual ou coletiva é campo complexo da vida social, sendo que alguns se sentem ofendidos e incomodados pela crença do outro. A expressão religiosa de um pode ser intolerada por outro. Pode-se considerar que há a perseguição do direito religioso de outrem. Tal perseguição é vista em formas de sermões religiosos, movimentos sociais, músicas, entre outros mecanismos de contraposição.

O pensamento do que é certo ou errado, sagrado ou profano, depende de interpretações dentro de um contexto histórico-religioso. Se a crítica vier de um lado, o outro se defenderá, conforme sua crença ou interpretação bíblica, podendo haver um discurso inclusivo ou homofóbico. Entretanto, o Brasil é laico, não cabendo conflitos de interesse que tirem a paz social.

As comunidades com público principal de LGBTIs oferecem o direito de cada um expressar sua sexualidade, rebatendo igrejas que pregam a “falsa cura”, por tratar o homossexual como pertencente a um fenômeno pecaminoso. As abordagens inclusivas percebem esse tipo de crença como sinal de rejeição contra *gays*, de machismo predominante, de força influenciadora da religião tradicional.

Os LGBTIs que passaram rejeição revelaram momentos difíceis em suas vidas, por não conseguirem cumprir as doutrinas de instituições tradicionais não inclusivas. Entretanto, encontraram caminhos de oportunidades para manterem sua essência homossexual sem se desligarem de sua fé.

As interpretações bíblicas no contexto inclusivo atendem as transformações do conceito de família e rebatem as determinações de credos religiosos contra a homossexualidade, por não aceitarem a pessoa como ela é. O credo tradicional, ao longo de milênios, foi o principal norteador da sociedade, ditando a única forma de conduta sexual do homem e da mulher. Na atualidade, entende-se que a sexualidade é passível de adequação das igrejas, por considerar a ciência e as leis modernas como parte das mudanças de pensamento.

A realidade das relações amorosas é vista pelas comunidades inclusivas e parte dos membros das tradicionais como algo inevitável de aceitação. Para elas, os dogmas e os costumes doutrinários devem mudar, a fim de que a fé cristã seja atrativa para a sociedade. Desse modo, manter as crenças da Metodista tradicional quanto a não aceitação do casamento *gay*, por exemplo, tem sido um desafio.

O movimento Metodista tradicional firmado na tradição cristã bíblica vem mantendo sua posição de permitir homossexuais como participantes. Ao passo que a inclusiva aponta sua abertura para todos, não colocando imposições a seus membros, conciliando seus dogmas com as necessidades atuais do fenômeno inclusivo. A resposta contra a homofobia e a não inclusão é registrada nos relatos de pessoas que falaram abertamente do quanto passaram a sentir bem-estar com a interpretação bíblica que não condena a prática homossexual.

O ensinamento é de abrir as portas para a reconciliação com Deus, de pregar a graça do Evangelho. As igrejas inclusivas exercem um papel importante na sociedade ao atender aqueles que buscam ajuda espiritual, sem sentirem culpa ou rejeição por serem homossexuais.

Pelos depoimentos, a Comunidade Athos é vista como instituição interessada em acolher pessoas com experiências negativas, oriundas de igrejas não. Os que sentiram rejeição e isolamento pelo sentimento de culpa mudaram essa situação, ao receberem ajuda espiritual. A descoberta da homossexualidade foi vista como problema. Depois da inclusão, entenderam a estratégia do proselitismo tradicional e sentiram-se com liberdade para se assumirem homossexuais sem culpa, acreditando na teologia do acolhimento, da dignidade humana, da natureza de ser *gay* sem infringir as leis bíblicas.

Assim, a religião e a homossexualidade foram vistas como assunto passível de discursões dentro das interpretações tradicionais, a fim de mudar a dogmática de família modelo para o mundo. A realidade social foi debatida para respeitar o direito de crença religiosa. As formas de discriminação representaram a ignorância, que pode estar presente no ato de não reconhecer a expressão religiosa do outro, ligando-se à ideia de homofobia.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, S. *Dos bens do matrimônio, a santa virgindade*. São Paulo: Paulus, 2000. (Col. Patrística, 16).

ANKERBERG, J.; WELDON, J. *Os fatos sobre a homossexualidade*. Porto Alegre: Chamada da Meia-Noite, 1997.

ATHOS E VIDA. 2018. *Site oficial*. Disponível em: <http://athosevida.com/home.php/>. Acesso em: 14 out. 2018.

BABBIE, Earl. *Métodos de pesquisa de survey*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

BÍBLIA SAGRADA. *Reflexões de Lutero*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

BRASH, Alan A. *Encarando nossas diferenças*: as igrejas e seus membros homossexuais. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. *Diário Oficial da União*, 1988.

_____. *Resolução 175*, de 14 de maio de 2013. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/files/atos_administrativos/resoluo-n175-14-05-2013-presidncia.pdf>. Acesso em: 14 out. 2018.

BROWN, Peter. *Corpo e sociedade*: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio: Zahar, 1990.

CARDOSO, Fernando. *O evangelho Inclusivo e a homossexualidade*. São Paulo: Clube dos Autores, 2010.

CHAGAS, Thiago. *Pastor celebra casamento gay de seu filho e se defende*: “Quando a Lei está errada, você a infringe”. 2013. Disponível em: <https://noticias.gospel.com.br/pastor-celebra-casamento-gay-lei-errada=-infringe-54269.html>. Acesso em: 18 abr. 2018.

_____. *Pastor Metodista afastado por celebrar casamento gay do próprio filho é reconduzido ao cargo*. 2014. Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/pastor-afastado-casamento-gay-reconduzido-cargo-72388.html>. Acesso em: 26 nov. 2018.

_____. *Pastor diz que cristãos podem apoiar união de pessoas do mesmo sexo sem cometer heresias*. 2018. Disponível em: <https://noticias.gospelmais.com.br/pastor-apoiar-uniao-mesmo-sexo-nao-heresia-100816.html>. Acesso em: 24 nov. 2018.

DICIONÁRIO BÍBLICO STRONG. *Léxico, aramaico e grego strong*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

ECCO, Clóvis. *Religião e soropositivos para o HIV/AIDS:* preconceitos sobre doenças e sexualidade. Tese (doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2013.

ELIADE, Mircea. *Erotismo místico en la Índia*. Barcelona: Kairóz, 2002.

FEITOSA, Alexandre. *Bíblia e homossexualidade*: verdades e mitos. Rio de Janeiro: Metanoia, 2018.

FERREIRA, I. C. A. Moda homossexual. *Revista Currículo Aventura Cristã*, São Paulo, 1. trim., 1998.

GOTTWALD, N. K. *As tribos de Iahwer*: uma sociologia da religião de Israel liberto 1250-1050 a.C. São Paulo: Paulinas, 1986.

HILTON, Bruce. *A homofobia tem cura?* Medo ou ódio a homossexuais. Rio de Janeiro: Ediouro, 1992.

HURLBUT, Jesse Lyman. *História da igreja cristã*. 14. ed. São Paulo: Vida, 2002.

IGREJA METODISTA. *Cânones da igreja metodista*. 2016. Disponível em: <file:///D:/Kleber/Downloads/Canones2012-2016_Leis.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2018.

IGREJA METODISTA EM SÃO MATEUS. *LGBTIs metodista*: existimos e resistimos. 2017. Disponível em:

<https://www.facebook.com/imsaomateus/posts/comunicado-do-bispo-jos%C3%A9-carlos-peres-sobre-sobre-a-postagem-LGBTIs-metodista-exis/1351724854957360/>. Acesso em: 13 dez. 2018.

IGREJA METODISTA 1ª RE. *Pronunciamento do Bispo Paulo Rangel*. 2017. Disponível em: <http://www.metodista1re.org.br/2017/10/22/carta-de-orientacao-ao-povo-metodista-na-1a-regiao-eclesiastica/->. Acesso em: 13 dez. 2018.

IGREJA METODISTA DE VILA ISABEL. Pronunciamento do colégio episcopal sobre o projeto de lei acerca da homofobia. *Jornal da Vila*, Rio de Janeiro, ano XXVII, n. 1.314. p. 1-3, 15 abr. 2006. Disponível em: <http://metodistavilaisabel.org.br/jornais/JV1314.pdf>. Acesso em: 16 out. 2018.

LELIÈVRE, Mateo. *João Wesley*: sua vida e obra. São Paulo: Vida. 1997.

LUCCOK, Halford E. *Linha de esplendor sem fim*. Rio de Janeiro: Bennett, 2001.

LUNA, Pietra di Chiro. *Magia e sexo*: presente dos deuses. 2014. Disponível em: <http://www.imagick.com.br/?p=16136>. Acesso em: 23 nov. 2018.

KIRST, Nelson et al. *Dicionário hebraico-português & aramaico-português*. São Leopoldo; Petrópolis: Sinodal; Vozes, 1987.

MAGALHÃES, José Geraldo. *Direitos humanos*: homossexuais podem entrar na igreja? 2013. Disponível em: <http://www.metodista.org.br/direitos-humanos-e-direito-dos-homossexuais-entrar-e-participar-das-atividades-da-igreja>. Acesso em: 26 nov. 2018.

MUSSKOPF, André S. À meia luz: a emergência de uma teologia gay seus dilemas e possibilidades. *Cadernos IHU Ideias*, São Leopoldo, ano 3, n. 32, p. 1-34, 2005.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. *Revista Latino Americana*, n. 2, p. 121-161, 2009.

PEREIRA, Fabiano. *Religião e homossexualidade*: o desafio da benção religiosa sobre a união homoafetivas entre casais homossexuais que se declaram evangélicos. São Bernardo do Campo, 2013. TCC (Teologia) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. *Caderno* Pagu, n. 28, p. 101-128, jan./jun. 2007.

SANTOS, Átila Augusto dos. *Panorama homoafetivo*: perspectivas cristãs de inclusão LGBTIs. Rio de Janeiro: Metanoia, 2015.

SEVERO, Júlio. *O movimento homossexual*: sua história, suas tramas, seu impacto na sociedade e seu impacto na igreja. Betânia: Venda Nova, 1998.

EMPEREUR, James L. *Direção espiritual e homossexualidade*. Tradução de Luis Carlos Borges. São Paulo: Loyola, 2006.

VEYNE, P. *A elegia erótica Romana*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Sexo e poder em Roma*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

VIEIRA, João Luiz. "Sou pastor e sou gay": teólogo diz que há assédio nas igrejas e que parte do preconceito contra homossexuais se deve a traduções erradas da Bíblia. *Revista Época*, n. 254, v. 28, mar. 2003.

WALKER, Williston. *História da igreja cristã*. São Paulo: Aste, 1967. v. 2.

APÊNDICES

Apêndice A

Questionário

( ) Homem ( ) Mulher

1.1. QUAL A SUA IDADE?

( ) 18 a 25

( ) 26 a 35

( ) 36 a 45

( ) 46 a 55

( ) mais de 55 anos.

1.2. QUAL A SUA FORMAÇÃO ACADÊMICA?

( ) Fundamental

( ) Ensino Médio

( ) Superior completo

( ) Superior incompleto

( ) Pós Graduação.

1.3. QUAL A IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO NA SUA VIDA?

( ) Muito importante

( ) Importante

( ) Pouco importante

( ) Indiferente

( ) Sem importância

1.4. VOCÊ JÁ SE SENTIU EXCLUÍDO DENTRO EM ALGUM AMBIENTE?

( ) Família

( ) Amigos

( ) Trabalho

( ) Igreja

( ) Nunca me senti excluído

1.5. A IGREJA PODERIA DE ALGUMA FORMA TER CONTROLE SOBRE A ORIENTAÇÃO SEXUAL DOS SEUS FIÉIS?

( ) Sim

( ) Não

1.6. VOCÊ ACREDITA QUE DEUS ACOLHE OS HOMOSSEXUAIS INDEPENDENTE DO POSICIONAMENTO DAS IGREJAS?

( ) sim

( ) não

1.7. NA SUA OPINIÃO PORQUE ÀS IGREJAS ESTÃO ABRINDO ESPAÇOS PARA OS HOMOSSEXUAIS NOS ÙLTIMOS ANOS?

( ) Pela disputa de novos membros/fiéis no concorrido mercado religioso

( ) Por sofrerem pressão da sociedade e serem mais aceitas

( ) Por compreender que a distinção de gênero é uma posição preconceituosa

( ) Por acreditarem em um novo modelo de família

1.8. VOCÊ ACREDITA OU ACREDITAVA QUE A HOMOSSEXULIDADE É UM PECADO IMPERDOÁVEL?

( ) sim

( ) não

1.9. VOCÊ ACEITÁRIA UM MEMBRO HOMOSSEXUAL EM SUA IGREJA?

( ) Sim

( ) Não

1.10. VOCÊ ACREDITA QUE A IGREJA DEVE SE AJUSTAR AOS NOVOS VALORES ATUAIS OU SE MANTER FIRME EM SEUS FUNDAMENTOS?

( ) A renovação é necessária para dialogar com a sociedade

( ) A renovação desfigura os valores religiosos

( ) A igreja está perdendo a sua identidade

( ) A igreja se renova com a sociedade

Apêndice B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), do Projeto de Pesquisa sob o título **HOMOFOBIA RELIGIOSA OU ACOLHIMENTO: OS DESAFIOS PARA TRADIÇÃO METODISTA NO BRASIL**. Meu nome é **KLEBER TORRES DE MOURA**, sou membro da equipe de pesquisa do (Mestrado em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás). Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias e em todas as páginas, sendo a primeira via de guarda e confidencialidade da equipe de pesquisa e a segunda via ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins. Em caso de recusa, você não será penalizado (a) de forma alguma. Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o (a) equipe de pesquisa no Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, ou com o (a) orientador (a) da pesquisa Professor (a) Clóvis Ecco, nos telefones: (61) 98443-9698/ (61) 3335-4241. Em caso de dúvida sobre a ética aplicada a pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, localizado na Avenida Universitária, N° 1069, Setor Universitário, Goiânia – Goiás, telefone: (62) 3946-1512, funcionamento: 8h as 12h e 13h as 17h de segunda a sexta-feira. O Comitê de Ética em Pesquisa é uma instância vinculada à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que por sua vez é subordinado ao Ministério da Saúde (MS). O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares.

I. A pesquisa será aplicada no Estado de Goiás, em local reservado a escolha do entrevistado e horário disponibilizado pela pessoa a ser entrevistada;

II. A pesquisa busca informações junto a pessoas que se declarar como fiéis, membros ou participantes de igrejas Protestantes Tradicionais no Estado de Goiás. Tais pessoas, por suas vivências nas referidas instituições poderão contribuir com informações valiosas para o resultado final da pesquisa;

III. Busca-se investigar o posicionamento dos participantes na pesquisa, quanto aos discursos e práticas das suas instituições em relação a inserção e acolhimento espiritual de pessoas declaradas homoafetivas.

IV. Será utilizado o método quantitativo aplicando-se o formulário de pesquisa de forma individualizada ao entrevistado. O entrevistado lerá todo o formulário e as orientações juntamente com o pesquisador, após o entrevistado responderá a pesquisa utilizando-se de caneta preta fornecida pelo pesquisador. O pesquisador não poderá interagir com o entrevistado em nenhum momento durante o período em que este estiver respondendo o questionário. O entrevistado poderá ser incluso em grupo controle a fim de atestar a correta aplicação do questionário e a atuação do pesquisador. O tempo médio da entrevista é de cerca de 10 (dez) minutos. Em nenhum momento os dados pessoais do entrevistado serão divulgados, para efeitos de tabulação dos dados poderão ser utilizados nomes fictícios que não comprometam de forma alguma o entrevistado.

V. A participação na pesquisa não causará qualquer risco à saúde física ou psicológica do entrevistado, da mesma forma não se espera que sejam apresentados qualquer desconforto durante a participação. Esta pesquisa possui garantia de Assistência Integral e Gratuita por danos diretos ou indiretos, imediatos ou tardios que porventura ocorram em decorrência de seu mal-uso.

VI. Participando desta pesquisa, o entrevistado está contribuindo para compreensão do campo de estudo, bem como, das novas configurações discursivas, morais e valorativas incorporadas pelas instituições religiosas Protestantes na contemporaneidade.

VII. Qualquer eventualidade que possa vir a causar dano físico ou moral ao entrevistado, o mesmo contará com total cobertura de atendimento no momento da entrevista e posterior a mesma com profissionais especializados que possam prestar-lhe o atendimento necessário.

VIII. O entrevistado tem garantida sua plena liberdade de recusar participação ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização algum bem como fica assegurado o sigilo das informações confidenciadas ao Pesquisador ao Orientador e à equipe de pesquisa;

IX. Não haverá qualquer forma de pagamento ou benefício financeiro pela participação na pesquisa;

X. Qualquer ônus que porventura seja acometido o participante em decorrência da pesquisa, o pesquisador se compromete em arcar e custear a reparação necessária ao reestabelecimento do mesmo.

O pesquisador responsável por este estudo e sua equipe de pesquisa declaram: que cumprirão com todas as informações acima; que você terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos oriundos, imediatos ou tardios devido a sua participação neste estudo; que toda informação será absolutamente confidencial e sigilosa (Salvo projetos que visam publicação de opinião específica e de relevância, de conteúdo sobre imagens e objetos. Os casos que assim necessitarem serão julgados cautelosamente pelo CEP); que sua desistência em participar deste estudo não lhe trará quaisquer penalizações; que será devidamente ressarcido em caso de custos para participar desta pesquisa; e que acatarão decisões judiciais que possam suceder.

Eu _____,
abaixo assinado, discuti com o Mestrando **KLEBER TORRES DE MOURA** sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia de assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios quando necessário. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou no meu atendimento neste serviço.

Goiânia, ___, de _____, de 2017.

_____ ___/ ___/_____
Assinatura do participante Data

_____ ___/ ___/_____

Assinatura do pesquisador Data

ANEXOS

Anexo 1

Carta da COGEIME

São Paulo, 21 de setembro de 2017.

Caro Bispo José Carlos Peres, paz e bem!

Recebemos com grande preocupação a manifestação pública do senhor diretor geral da COGEIME e do presidente do Conselho Superior de Administração – Consad, datada de 14 de setembro de 2017, na qual expressam repúdio ao patrocínio do banco Santander à exposição "QueerMuseu – cartografias da diferença na arte da brasileira", na cidade de Porto Alegre / RS.

Consideramos que nosso país vive um contexto muito delicado no que diz respeito às ameaças à democracia, à liberdade e aos direitos humanos, com fortalecimento de movimentos que cultivam a intolerância, o desrespeito e a perseguição a grupos minoritários da sociedade. Em nossa história recente, não faltam relatos de cerceamentos ao pensamento crítico e artístico, perseguições sociais e políticas, torturas e mortes.

Acreditamos que a semente da barbárie humana habita na não identificação do diferente como humano, que gera o não reconhecimento de sua dignidade e permitir dar lugar ao ódio, à perseguição e a grandes atrocidades, cometidas muitas vezes em normalmente uma moral ou princípio.

Poderíamos e gostaríamos de ampliar o diálogo e a compreensão sobre os motivos que levam a igreja a não considerar a legitimidade da orientação sexual de lésbicas, homossexuais, bissexuais, transexuais e travestis. Mas consideramos que a abordagem do tema em questão não passa apenas pelo vasto discursão referente a orientação sexuais, mas pela defesa da expressão artística como legítima, embora, não necessariamente de acordo com gostos pessoais ou institucionais. Nos estudos preliminares que fizemos, identificamos que grande parte do

discurso contrário à exposição baseia-se tão somente em preconceito e desconhecimento do conteúdo e proposta de própria exposição.

Soma-se a isso, um aspecto ainda mais delicado: preocupa-nos sobremaneira o alinhamento do princípio órgão educacional do metodismo brasileiro com movimentos radicais que pregam o desrespeito à pessoa humana e a perseguição ao pensamento crítico, inclusive em sala de aula, movimento que fazem, para tanto, o uso de recursos falaciosos ou mesmo mentiroso com vistas a ampliar sua projeção e força junto na sociedade.

Consideramos que o caminho do testemunho de graça e do reino de Deus não passa pela perseguição a quem quer que seja ou ao cerceamento da liberdade de pensamento ou artística. Num contexto em que se semeia a intolerância e o ódio, a igreja deve conclamar a sociedade ao amor e ao respeito.

Vivemos num Estado laico e a igreja deve compreender e respeitar a pluralidade com a qual é composta a sociedade, não sendo demais recordar que o povo evangélico já foi minoritário e perseguido em nosso país, que superou este triste episódio de sua história mediante o estabelecimento de um Estado que respeita as diferenças constituintes da sociedade. Ademais, recordamos o metodismo histórico defende, entre seus princípios, que metodistas são pessoas “respeitadoras das ideias e opiniões alheias” e “defensora das pessoas oprimidas”.

Não faz muito tempo em que celebramos o “Ano do Perdão” na Igreja Metodista. Tal movimento foi necessário com vistas manifestar o arrependimento pelos caminhos que parte da igreja trilhou na perseguição de sus próprios membros por ocasião do período da Ditadura Militar. Os nomes de jovens metodistas, de homens e mulheres que foram presas, torturadas e mortas e não devem ser esquecidas, como testemunho da necessidade de a igreja jamais legitimar a opressão em nome de Deus.

Expomos, portanto, nosso pesar `declaração em questão e a convicção de que tal pensamento não reflete a posição de nossas instituições de ensino, tampouco da totalidade dos membros da Igreja Metodista em solo brasileiro.

Clamamos ao bispo e ao Colégio Episcopal que considere a necessidade de refletir profundamente sobre a condição delicada que se encontra a sociedade brasileira, jamais assumindo posturas que conduzam à dor e sofrimento de seu povo.
Fraternalmente, em Cristo.

Assessoria da Igreja Metodista para Promoção dos Direitos Humanos – 3RE.

Anexo 2

Tabela com margens de erro de um resultado

Tabela D — *Determinação da margem de erro (± E) de um resultado segundo o número de elementos que estão na amostra (1a. coluna) e dos diversos valores de p (indicados no cabeçalho).*

Fórmula: $E = \sqrt{\frac{pq}{N}}$

Coeficiente de confiança de 95,5% (2σ)

Número de elementos da amostra	1/99	2/98	3/97	4/96	5/95	10/90	15/85	20/80	25/75	30/70	35/65	40/60	45/55	50/50
25	4,0	5,6	6,8	7,8	8,7	12,0	14,3	16,0	17,3	18,3	19,1	19,6	19,8	20,0
50	2,8	4,0	4,9	5,6	6,2	8,5	10,1	11,4	12,3	13,0	13,5	13,9	14,1	14,2
75	2,3	3,2	3,9	4,5	5,0	6,9	8,2	9,2	10,0	10,5	11,0	11,3	11,4	11,5
100	2,0	2,8	3,4	3,9	4,4	6,0	7,1	8,0	8,7	9,2	9,5	9,8	9,9	10,0
150	1,6	2,3	2,8	3,2	3,6	4,9	5,9	6,6	7,1	7,5	7,8	8,0	8,1	8,2
200	1,4	2,0	2,4	2,8	3,1	4,3	5,1	5,7	6,1	6,5	6,8	7,0	7,0	7,1
250	1,2	1,8	2,2	2,5	2,7	3,8	4,5	5,0	5,5	5,8	6,0	6,2	6,2	6,3
300	1,1	1,6	2,0	2,3	2,5	3,5	4,1	4,6	6,0	5,3	5,5	5,7	5,8	5,8
400	0,99	1,4	1,7	2,0	2,2	3,0	3,6	4,0	4,3	4,6	4,8	4,9	5,0	5,0
500	0,89	1,3	1,5	1,8	2,0	2,7	3,2	3,6	3,9	4,1	4,3	4,4	4,5	4,5
600	0,81	1,1	1,4	1,6	1,8	2,5	2,9	3,3	3,6	3,8	3,9	4,0	4,1	4,1
800	0,69	0,98	1,2	1,4	1,5	2,1	2,5	2,8	3,0	3,3	3,3	3,4	3,5	3,5
1000	0,63	0,90	1,1	1,3	1,4	1,9	2,3	2,6	2,8	2,9	3,1	3,1	3,2	3,2
1200	0,57	0,81	0,99	1,1	1,3	1,7	2,1	2,3	2,5	2,7	2,8	2,8	2,9	2,9
1500	0,51	0,73	0,89	1,0	1,1	1,6	1,9	2,1	2,3	2,4	2,5	2,5	2,6	2,6
2000	0,44	0,61	0,75	0,86	0,90	1,3	1,6	1,8	1,9	2,0	2,1	2,2	2,2	2,2
2500	0,40	0,56	0,68	0,78	0,87	1,22	1,4	1,6	1,7	1,8	1,9	2,0	2,0	2,0
3000	0,36	0,51	0,62	0,71	0,79	1,1	1,3	1,5	1,6	1,7	1,7	1,8	1,8	1,8
4000	0,31	0,44	0,54	0,62	0,69	0,95	1,1	1,3	1,4	1,4	1,5	1,5	1,6	1,6
5000	0,28	0,40	0,49	0,56	0,62	0,85	1,0	1,1	1,2	1,3	1,4	1,4	1,4	1,4
7500	0,23	0,32	0,39	0,45	0,50	0,69	0,82	0,92	1,0	1,1	1,1	1,1	1,2	1,2
10000	0,20	0,28	0,34	0,39	0,44	0,60	0,71	0,80	0,87	0,95	0,95	0,98	0,99	1,0
15000	0,16	0,23	0,28	0,32	0,36	0,49	0,59	0,66	0,71	0,75	0,78	0,80	0,81	0,82
25000	0,21	0,18	0,22	0,25	0,27	0,38	0,45	0,50	0,65	0,58	0,60	0,62	0,62	0,63
50000	0,08	0,11	0,14	0,16	0,17	0,24	0,29	0,32	0,35	0,37	0,48	0,39	0,40	0,40

Anexo 3

Artigo 266 da Constituição Federal e união estável no novo Código Civil

O artigo 226 da Constituição Federal equiparou a união estável entre homem e mulher ao casamento, dispondo em seu parágrafo 3º que “é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher, como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento”, e, no parágrafo 4º, preceitua que “entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes”

(O novo Código Civil, nos artigos 1.723/1.727 e 1.790, estabelece os requisitos fundamentais para a constituição da união estável entre homem e mulher, assim como seus efeitos patrimoniais por motivo de dissolução por convenção entre os conviventes ou pela morte de um deles, matéria que antes era tratada em legislação esparsa.... O Código Civil foi omisso com relação às uniões homoafetivas, cabendo à jurisprudência a extensão da aplicação da lei a essas relações. ... “é reconhecida como entidade familiar a união estável entre homem e mulher, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento, con'gurada pela convivência pública, contínua e duradoura estabelecida com o objetivo de constituição de família” ... O legislador previu que inexistindo contrato escrito entre os companheiros quanto às relações patrimoniais aplica-se no que couber o regime da comunhão parcial de bens, nos termos do artigo 1.725 do Código Civil.... Finalmente o artigo 1.727 apenas rea'rma que as relações não eventuais entre homem e mulher impedidos de casar constituem concubinato, a este não se atribuindo os direitos decorrentes da união estável.... No dia 05 de maio de 2011, o Supremo Tribunal Federal, ao julgar a Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 4.277, ajuizada pela Procuradoria Geral da República, que buscou a declaração de reconhecimento da união entre pessoas do mesmo sexo como entidade familiar e que os mesmos direitos e deveres dos companheiros nas uniões estáveis fossem estendidos aos companheiros nas uniões homoafetivas, e a Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental nº 132, proposta pelo Governador do Estado do Rio de Janeiro, Sergio Cabral, reconheceu a união estável para casais do mesmo sexo.... Os ministros Luiz Fux, Ricardo Lewandowiski, Joaquim

Barbosa, Gilmar Mendes, Marco Aurélio, Celso de Mello, Cezar Peluso, bem como... as ministras Cármem Lucia Antunes Rocha e Hellen Gracie, acompanharam o entendimento do Ministro Ayres Britto pela procedência dos pedidos com efeito vinculante, dando interpretação de acordo com a Constituição Federal para aplicação do artigo 1723 do Código Civil a qualquer caso de reconhecimento de união estável entre pessoas do mesmo sexo, podendo assim constituir-se como entidade familiar.... O Desembargador Luiz Felipe Francisco, relator do processo, afirmou que a Constituição Federal determina que seja facilitada a conversão da união estável em casamento e o Supremo Tribunal Federal determinou que não fosse feita qualquer distinção entre uniões hétero e homoafetivas, não havendo, portanto, que se negar aos requerentes a conversão da união estável em casamento...).